



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**A ESCRITA SOB A ÉGIDE DA CULTURA DIGITAL:
CONTINUIDADES E RECONFIGURAÇÕES**

DANIELA DIAS GUIMARÃES PROENÇA

Rondonópolis
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



DANIELA DIAS GUIMARÃES PROENÇA

**A ESCRITA SOB A ÉGIDE DA CULTURA DIGITAL:
CONTINUIDADES E RECONFIGURAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (PPGEdu), Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Cultura”, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Educação.

Orientadora: Shirlene Rohr de Souza.

Rondonópolis
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

| | |
|-------|---|
| P962e | <p>Proença, Daniela Dias Guimarães. A Escrita Sob a Égide da Cultura Digital [recurso eletrônico] : Continuidades e Reconfigurações / Daniela Dias Guimarães Proença. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 95 f., il. color., pdf). – 2025.</p> <p>Orientador(a): Shirlene Rohr de Souza. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2025. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação. 2. Linguagem. 3. Escrita. 4. Cultura Digital. 5. Tecnologias Digitais. I. Souza, Shirlene Rohr de, <i>orientador</i>. II. Título.</p> |
|-------|---|



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: “A ESCRITA SOB A ÉGIDE DA CULTURA DIGITAL: CONTINUIDADES E RECONFIGURAÇÕES”

AUTORA: MESTRANDA DANIELA DIAS GUIMARÃES PROENÇA

Dissertação defendida e aprovada em **09 de 12 de 2025**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. SHIRLENE ROHR DE SOUZA (Presidente da Banca/ORIENTADORA)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

2. EZER WELLINGTON GOMES LIMA (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

3. CASSIA REGINA TOMANIN (Examinadora Externa)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

4. TATIANE SILVA SANTOS (Suplente)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

RONDONÓPOLIS, 09/12/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Shirlene Rohr de Souza, Docente - UFR**, em 09/12/2025, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ezer Wellington Gomes Lima, Docente - UFR**, em 11/12/2025, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cásdia registrado(a) civilmente como Cássia Regina Tomanin, Usuário Externo**, em 11/12/2025, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0614377** e o código CRC **654E8694**.

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação é, simultaneamente, um exercício solitário e coletivo. Ainda que o texto leve apenas um nome na capa, ele é atravessado por encontros, escutas, diálogos e apoios que sustentam o percurso e tornam possível a conclusão da pesquisa. Reconhecer essas presenças é também compreender que a pesquisa se constrói na relação com o outro, em gestos muitas vezes discretos, mas fundamentais, e que merecem ser lembrados nos agradecimentos que se seguem.

À Deus, a força que me move e me sustenta, agradeço pela coragem nos momentos de incerteza e pela perseverança que tornou possível concluir este caminho.

À Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), instituição na qual tenho trilhado minha trajetória acadêmica e profissional, e que possibilitou a articulação entre trabalho e pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) e, em especial, à professora Shirlene Rohr de Souza, minha orientadora, pela condução sensível ao longo deste processo.

Aos colegas da linha de pesquisa Linguagem, Educação e Cultura, pelas trocas, escutas generosas e palavras de encorajamento que contribuíram para tornar a caminhada mais leve.

Aos colegas de trabalho, pela compreensão e incentivo nos momentos em que conciliar trabalho e pesquisa parecia um desafio acima de minhas capacidades.

À minha família, pela compreensão em tantos momentos em que estive ausente para me dedicar aos estudos. Esta conquista também lhes pertence.

Por fim, agradeço a todos que, de diferentes maneiras, contribuíram para a realização deste trabalho e para a consolidação deste percurso acadêmico.

O homem refletiu seriamente pela primeira vez sobre sua linguagem por meio da escrita e hoje reflete seriamente sobre a escrita por meio dos novos sistemas de signos que se colocam diante dele. Nossa primeira tarefa é, portanto, em primeiro lugar acertar os relógios e nos perguntar em que ponto nos encontramos.

Nina Catach (1996, p. 6)

RESUMO

A pesquisa intitulada *A escrita sob a égide da cultura digital: continuidades e reconfigurações*, vinculada à linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), tem como tema central as transformações da escrita no contexto da cultura digital. O objetivo geral consiste em desenvolver um estudo sobre o registro escrito em ambientes digitais, de trocas não formais, na perspectiva de verificar especialmente dois fenômenos: a assimilação de elementos não verbais, como *emojis*, e a supressão das vogais em algumas palavras. Para se acercar de objetivo maior, a pesquisa apoiou-se em objetivos específicos para cada etapa: a) traçar um panorama histórico da escrita, destacando a iconografia como aspecto central dos primeiros sistemas gráficos; b) destacar a escrita alfabética da Língua Portuguesa, enfatizando a estrutura da sílaba, que se organiza em torno da vogal; e c) refletir sobre como a cultura digital revitaliza os signos não verbais, em um modelo híbrido, que assimila imagens em estruturas frásicas. A pesquisa parte da hipótese de que o ambiente digital produz dois fenômenos no registro escrito: a assimilação de elementos não verbais e a supressão de vogais em algumas palavras. O corpus é composto por postagens coletadas em redes sociais de acesso público (*Instagram*, *Facebook*, *X* e *Threads*), selecionadas com base em critérios de relevância e representatividade. O referencial teórico inclui autores como Fischer (2009) e Higounet (2003), sobre a história da escrita; Camara Jr. (1999), Bakhtin (1995), Ferreiro e Teberosky (1985), sobre o funcionamento do sistema de escrita da Língua Portuguesa; e McLuhan (2009) e Santaella (2022), sobre os impactos da cultura digital e os novos paradigmas comunicacionais. Os resultados da pesquisa demonstram que a assimilação de elementos não verbais e as supressões que ocorrem na escrita digital não rompe com a tradição, mas a transforma continuamente, articulando elementos de continuidade e renovação. Nesse cenário híbrido, amplia-se o acesso à produção textual e tornam-se tênues as fronteiras entre escrita e oralidade, formalidade e informalidade, público e privado. Ícones e imagens, recursos antigos, são ressignificados nos textos digitais. Assim, a escrita reafirma sua centralidade na cultura, adaptando-se às exigências da cultura digital e instaurando novos paradigmas comunicativos.

Palavras-chave: Educação. Linguagem. Escrita. Cultura digital. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

The research entitled *Writing under the aegis of digital culture: continuities and reconfigurations*, linked to the research line “*Language, Education, and Culture*” of the Graduate Program in Education (PPGEdu) at the Federal University of Rondonópolis (UFR), has as its central theme the transformations of writing in the context of digital culture. The general objective is to develop a study on written records in digital environments of non-formal exchanges, with the aim of examining in particular two phenomena: the assimilation of non-verbal elements, such as emojis, and the suppression of vowels in certain words. To achieve this overarching objective, the research was structured around specific objectives for each stage: (a) to outline a historical panorama of writing, highlighting iconography as a central aspect of the earliest graphic systems; (b) to emphasize the alphabetic writing of the Portuguese language, focusing on syllabic structure, which is organized around the vowel; and (c) to reflect on how digital culture revitalizes non-verbal signs within a hybrid model that incorporates images into phrasal structures. The study is based on the hypothesis that the digital environment produces two phenomena in written records: the assimilation of non-verbal elements and the suppression of vowels in certain words. The corpus consists of posts collected from publicly accessible social media platforms (Instagram, Facebook, X, and Threads), selected according to criteria of relevance and representativeness. The theoretical framework includes authors such as Fischer (2009) and Higounet (2003) on the history of writing; Camara Jr. (1999), Bakhtin (1995), Ferreiro and Teberosky (1985) on the functioning of the Portuguese writing system; and McLuhan (2009) and Santaella (2022) on the impacts of digital culture and new communicational paradigms. The results of the research demonstrate that the assimilation of non-verbal elements and the suppression that occur in digital writing do not break with tradition but rather continuously transform it, articulating elements of continuity and renewal. In this hybrid scenario, access to textual production is expanded, and the boundaries between writing and orality, formality and informality, public and private become increasingly blurred. Icons and images, long-standing resources, are re-signified in digital texts. Thus, writing reaffirms its centrality in culture, adapting to the demands of digital culture and establishing new communicative paradigms.

Keywords: Education. Language. Writing. Digital culture. Digital technologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Classificação dos dados pela predominância de manifestações do internetês e de signos | 19 |
| Figura 2 - Ideograma chinês: Sabedoria | 22 |
| Figura 3 - Pintura rupestre de Caiapônia-GO, datada de 950 a 2.500 a.C. | 26 |
| Figura 4 - Os quippus dos povos incas | 28 |
| Figura 5 - Proto-escrita cuneiforme | 29 |
| Figura 6 - Evolução da escrita cuneiforme | 30 |
| Figura 7 - Hieróglifos | 32 |
| Figura 8 - Escrita chinesa..... | 34 |
| Figura 9 - Alfabetização e percepção das vogais..... | 49 |
| Figura 10 - Escrita silábica de “mariposa” | 50 |
| Figura 11 - Marca GNT..... | 51 |
| Quadro 1 - Estágios do desenvolvimento da escrita, segundo Ferreiro e Teberosky..... | 55 |
| Figura 12: Emoji Foguete | 62 |
| Figura 13 - Emoji feliz..... | 62 |
| Figura 14 - Emoji pêsego..... | 64 |
| Figura 15: Pêssego = Glúteo..... | 64 |
| Figura 16 - Placa de sinalização de trânsito..... | 65 |
| Figura 17 – Cru3ld4de..... | 67 |
| Figura 18 - Postagem “Stalkear” | 69 |
| Figura 19 – Globo News..... | 70 |
| Figura 20 - Postagem “Textão”..... | 71 |
| Figura 21 – Quem não é visto, não é perturbado | 73 |
| Figura 22 – Tem gente que mente tanto | 77 |
| Figura 23 – Campanha publicitária Mercado Livre | 79 |
| Figura 24 – Campanha publicitária Magazine Luiza..... | 80 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A ESCRITA NO MUNDO DIGITALIZADO | 10 |
| 2 ESCOLHAS E PERCURSOS DA ESCRITA NA PESQUISA: METODOLOGIA... 15 | 15 |
| 2.1 CONSTITUIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i> | 17 |
| 2.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO: O GARIMPO TEXTUAL | 18 |
| 2.3 ANÁLISE: O QUE LEVAR EM CONSIDERAÇÃO?..... | 20 |
| 3 A ESCRITA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: INVENÇÕES E TRANSFORMAÇÕES..... | 22 |
| 3.1 SISTEMAS DE ESCRITA: DO SOM AO SÍMBOLO, DO SÍMBOLO À LETRA..... | 24 |
| 3.2 A ESCRITA EM ESTÁGIOS: PRÉ-ESCRITA E PROTO-ESCRITA | 27 |
| 3.3 AS “LÍNGUAS COMPLETAS” | 33 |
| 3.3.1 Os sistemas logográficos | 34 |
| 3.3.2 Os sistemas alfabéticos | 35 |
| 3.4 AS GRAVURAS E AS LETRAS: OS PRIMEIROS SISTEMAS DE ESCRITA | 39 |
| 4 FUNCIONAMENTO DOS SISTEMAS ALFABÉTICOS: ESFERAS DE PODER .. | 42 |
| 4.1 ESCRITA E RELAÇÕES HISTÓRICAS COM O PODER | 43 |
| 4.2 LÍNGUA PORTUGUESA: FUNCIONAMENTO DAS DUAS ARTICULAÇÕES..... | 47 |
| 4.3 ESTRUTURA ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRE NORMAS E BURLAS | 51 |
| 4.4 HIPÓTESES SOBRE A ESCRITA: DAS GARATUJAS AOS TEXTOS | 54 |
| 5 CULTURA DIGITAL E ESCRITA: RENOVAÇÕES E CONTINUIDADES | 57 |
| 5.1 REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS: INFLUÊNCIAS NA ESCRITA..... | 58 |
| 5.2 CARACTERÍSTICAS E DINÂMICAS DA ESCRITA DIGITAL | 60 |
| 5.2.1 A integração de signos não verbais em contextos verbais..... | 61 |
| 5.2.2 A pressa, a prática e as consoantes no ambiente digital | 67 |
| 5.3 ESCRITA, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS: TENSÕES E RECONFIGURAÇÕES..... | 81 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: NADA NOVO SOB O SOL | 86 |
| REFERÊNCIAS..... | 90 |
| APÊNDICE A – CATEGORIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA | 94 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A ESCRITA NO MUNDO DIGITALIZADO

*Estou preso na rede
Que nem peixe pescado
É zapzap, é like
É Instagram, é tudo muito bem bolado
(Gilberto Gil, 2018)*

Na década de 1990, Gilberto Gil registrou em forma de canção a transformação impulsionada pela popularização da internet. A letra da canção “Pela Internet”¹ expressa o entusiasmo diante da integração das tecnologias digitais à dinâmica da comunicação na vida social. Anos depois, em 2018, com o lançamento da versão “Pela Internet 2”², o artista retoma essa temática, porém, com um olhar mais crítico, destacando a ampliação da conectividade global. Termos como “criptomoedas” e “bitcoins”, indicam que o universo digital atingiu até mesmo a economia; além disso, a música enfatiza a infinidade de aplicativos e de plataformas digitais utilizados nas interações pessoais e em atividades do cotidiano.

Ambas as canções expressam o ingresso da cultura digital nas sociedades contemporâneas, permitindo uma reflexão sobre a repercussão decorrente desse novo contexto nas práticas sociais, culturais e econômicas. Entre as transformações ocorridas nesse contexto, destaca-se a forma como a linguagem escrita se comporta em ambiente digital, principalmente em trocas de comunicação informal, respondendo de forma dinâmica às mudanças tecnológicas e incorporando novos gêneros textuais, suportes e estilos. A popularização de dispositivos digitais como *smartphones*, computadores e *tablets* diversificou as possibilidades de comunicação. Neste cenário, emergem práticas textuais marcadas pela velocidade (instantâneas), fragmentação e incorporação de recursos sonoros e audiovisuais.

Esta pesquisa propõe um estudo sobre a escrita, verificando como essa forma da língua se comporta frente às mudanças do mundo digitalizado, identificando as principais mudanças em relação às tecnologias disponíveis para as trocas no âmbito escrito da comunicação, principalmente. Desde os registros mais rudimentares, a escrita tem acompanhado o desenvolvimento das civilizações e os avanços tecnológicos (Fischer, 2003). A introdução de novos materiais e de novas tecnologias provocaram alterações na escrita e no formato dos suportes de leitura,

¹ Pela internet. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/historia-da-musica-pela-internet-de-gilberto-gil>. Acesso em: 08.ago.2025.

² Pela internet 2. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/gilberto-gil-lanca-nova-versao-de-pela-internet-reclama-de-haters-me-mataram-duas-vezes-22347964>. Acesso em: 08.ago.2025.

conseqüentemente, mudanças aconteceram na forma de compartilhamento de conhecimento e na forma de ler.

Ao longo do tempo, a escrita se consolidou como um instrumento fundamental para a organização das sociedades, despertando o interesse de diferentes áreas do conhecimento. Filologia, psicologia, sociologia, educação e ciências da comunicação são alguns dos campos que, sob perspectivas distintas, voltaram-se para o estudo da escrita, seja como sistema simbólico, como prática sociocultural, como meio de produção e circulação do saber, ou ainda, como um instrumento de poder. A educação formal ocupa um lugar central nessas discussões, uma vez que a escola historicamente assumiu a função de institucionalizar e disseminar as formas socialmente reconhecidas de ler e escrever.

No contexto educacional brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece conteúdos e habilidades essenciais para todos os estudantes. Dentre as habilidades, destaca-se a competência relacionada à cultura digital, a qual determina que os estudantes devem ser capazes de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de maneira crítica, ética e reflexiva nas diversas práticas sociais.

Considerando o marco normativo da BNCC em relação ao panorama tecnológico vigente e, considerando que a escrita, em contexto digital, apresenta peculiaridades específicas que, de alguma forma, infringem, em parte, a norma de estruturação da sílaba, no registro escrito formal da Língua Portuguesa, formula-se o problema desta pesquisa: as tecnologias digitais parecem ter criado um ambiente que permite um aparente “descolamento”³ de algumas normas padrão da escrita ortográfica; além disso, os ambientes digitais oferecem recursos não alfabéticos que complementam o texto, resultando em um curioso amálgama na forma escrita. Dado esse problema, parte-se da hipótese de que o ambiente digital produz dois fenômenos no registro escrito: a assimilação de elementos não verbais em trocas de mensagens e a supressão de vogais em algumas palavras.

³ Em relação ao uso do termo *descolamento* (ou *descolamentos*): não se trata de um conceito formal dos estudos linguísticos; seu uso, no contexto desta pesquisa, constitui uma tentativa de expressar o fenômeno que se observa na escrita da internet: uma certa liberdade que o usuário da língua sente para se “descolar” das regras da língua escrita que, em língua portuguesa, é centrada na vogal. Em ambientes virtuais, é muito comum (mas não é regra) a exclusão das vogais, ou quase todas, ficando o protagonismo da escrita para as consoantes. O uso do termo, pois, visa refletir uma ruptura contemporânea nos modos de escrever observados em ambientes virtuais, nos quais há um afastamento das convenções gramaticais canônicas.

Nesse sentido, a pesquisa, intitulada *A escrita sob a égide da cultura digital: continuidades e reconfigurações*, vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Educação e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), tem como objetivo geral desenvolver um estudo sobre o registro escrito em ambientes digitais, de trocas não formais, na perspectiva de verificar dois fenômenos especialmente observáveis: a assimilação de elementos não verbais, como *emojis*⁴, e a supressão das vogais em algumas palavras. Assim, para assegurar a conexão entre as seções, os objetivos específicos foram: a) traçar um panorama histórico da escrita, destacando a iconografia como aspecto central dos primeiros sistemas gráficos; b) destacar a escrita alfabética da Língua Portuguesa, enfatizando a estrutura da sílaba, que se organiza em torno da vogal; e c) refletir sobre como a cultura digital revitaliza os signos não verbais, em um modelo híbrido, que assimila imagens em estruturas frásicas.

O fato de ampliar os debates e as reflexões que relacionam as transformações sociais aos processos de comunicação, especialmente a escrita, justificou o desenvolvimento desta investigação. As verificações propostas foram realizadas em um momento no qual se observa, na esfera digital, a introdução de elementos não alfabéticos na escrita. Desta maneira, ao observar os efeitos da cultura digital sobre a escrita, foi necessário considerar um contexto mais amplo, de redes sociais. O uso cada vez mais frequente de uma escrita fragmentada, abreviada e multimodal reflete um modelo de comunicação regido pela lógica da velocidade, produtividade e eficiência, aspectos discutidos por Antunes (2020) ao tratar da digitalização do trabalho e suas repercussões.

Esta dissertação estrutura-se em cinco seções principais, incluindo esta seção introdutória, intitulada “Considerações iniciais: a escrita no mundo digitalizado”, na qual são apresentadas as principais diretrizes desta pesquisa: tema, problema, hipótese, objetivos, justificativa, linha do referencial teórico e organização do trabalho.

A segunda seção, “Escolhas e percursos na pesquisa sobre a escrita: metodologia”, expõe os fundamentos metodológicos que orientam o estudo, de natureza qualitativa e exploratória, inserida no campo da pesquisa social em Educação. O *corpus* de análise é composto por materiais coletados em redes sociais, selecionados a partir de critérios de relevância e representatividade. A metodologia

⁴ Ideogramas utilizados em mensagens escritas, em contextos digitais; cada emoji é utilizado em uma situação específica.

adotada envolveu a observação direta e a coleta de materiais de acesso público, configurando-se como uma pesquisa documental. Nessa seção, são descritos os procedimentos de seleção, manuseio e organização dos dados, bem como os procedimentos analíticos que orientam a interpretação dos dados.

Na terceira seção, intitulada “A escrita em perspectiva histórica: invenções e transformações”, são abordados os principais marcos que delinearam o desenvolvimento da escrita ao longo das civilizações, desde os registros visuais mais primitivos até o seu estágio atual. Além do percurso histórico, são discutidas concepções teóricas que explicam a natureza da escrita e seu papel nas práticas comunicativas. Essa análise evidencia o caráter dinâmico desse recurso, demonstrando como os diferentes suportes materiais moldaram as formas de produção, registro e circulação textual, bem como os modos de preservação da memória coletiva e de disseminação do conhecimento. Essa seção foi aportada principalmente nas obras *A história do alfabeto* (2009), de Cagliari, *Sistemas de escrita* (1996), de Sampson, *A aventura das línguas* (2003), de Störig, *História da escrita* (2009), de Fischer, *Letras e memória* (2009), de Sampaio, dentre outras fontes.

A quarta seção, sob o título “Funcionamento dos sistemas alfabéticos: esferas de poder”, aprofunda o estudo do sistema da escrita da Língua Portuguesa, discutindo algumas características importantes: aspectos dicotômicos, dupla articulação, protagonismo das vogais. Nessa parte, examinam-se a estrutura da sílaba e os princípios que regem a organização vocálica do português. Os principais aportes teóricos da quarta seção são: *Estrutura da língua portuguesa* (1999), de Mattoso Camara Jr., *Curso de linguística geral* (1975), de Saussure, *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995), de Mikhail Bakhtin, *Psicogênese da língua escrita* (1985), de Ferreira e Teberosky.

A quinta seção, “Cultura digital e escrita: novos paradigmas”, destaca dois fenômenos observáveis na escrita em ambiente digital, em contextos nos quais não se exige o rigor das normas ortográficas: primeiro, o protagonismo das consoantes, que dispensam, em várias palavras, a colocação das vogais (presentes em elipse); segundo, a integração de elementos não verbais em estruturas sintagmáticas, simples ou complexas. A proposta do capítulo, é mostrar que o aspecto iconográfico dos primeiros sistemas, mostrado na terceira seção, é, em parte, recuperado diante do uso de signos não verbais em contextos digitais de comunicação informais, como *emojis* e *gifs*. Essa seção ainda mostra que a elipse das vogais, em algumas palavras,

indica que a escrita digital se comporta de forma peculiar em relação à norma padrão. Nesse contexto, portanto, a seção destaca a força do ícone e da consoante que, aliada à capacidade inventiva dos usuários de uma língua, provam que a língua é viva, dinâmica e receptiva às necessidades de seu tempo. O referencial teórico que sustenta essa seção inclui, entre outras obras, *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (2008), de Marcuschi, *Os meios de comunicação como extensões do homem* (2009), de Marshall McLuhan e *Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens* (2022), de Lúcia Santaella.

Por fim, a seção “Considerações preliminares: nada novo sob o sol” sintetiza as discussões desenvolvidas ao longo da dissertação e reflete sobre o caráter contínuo das transformações na escrita, reconhecendo que o fenômeno ainda está em curso. Além de constituir um espaço de avaliação do processo investigativo, essa parte final propõe uma leitura crítica das mudanças contemporâneas, as quais indicam que as sociedades atuais vivenciam uma redefinição dos modos de escrever, marcada pela incorporação de formas expressivas que remetem às práticas gráficas antigas, agora ressignificadas e adaptadas aos recursos tecnológicos contemporâneos. Essas manifestações revelam não um retorno às formas de escrita do passado, mas uma atualização de princípios expressivos ancestrais, que passam a integrar a dinâmica multimodal e visual da comunicação digital.

2 ESCOLHAS E PERCURSOS DA ESCRITA NA PESQUISA: METODOLOGIA

Esta pesquisa situa-se no campo dos estudos da linguagem, com foco específico na escrita, particularmente em ambientes digitais não formais (trocas de mensagens, comentários). Para o desenvolvimento da análise, são considerados dois fenômenos interligados para um exame mais crítico: a) o descolamento das normas ortográficas de escrita, ao dar ênfase ao uso das consoantes no registro de algumas palavras; b) a assimilação de signos não verbais (ou não linguísticos) à escrita.

Esses fenômenos são próprios dos ambientes digitais, onde os registros escritos articulam, de modo harmônico, signos verbais e não verbais, configurando uma escrita de natureza híbrida. O idioma adotado para as observações foi a Língua Portuguesa, a partir de uma investigação de caráter indutivo, afinal, os fenômenos em foco nesta pesquisa - uso exclusivo de consoantes (ao colocar as vogais em elipse) no registro de algumas palavras e a assimilação de elementos não verbais ao contexto de comunicação em esfera digital – muito provavelmente estão ocorrendo em todos os sistemas com acesso à esfera digital.

Trata-se de uma investigação circunscrita ao ambiente digital, no qual os fenômenos são observáveis, porém, como se trata de ocorrências linguísticas, em congruência com a construção de um pensamento lógico, reflexivo, perscrutador e crítico, o problema e a hipótese foram construídos a partir de dois critérios: a regularidade e o alcance dos fenômenos. Sem pretensões de apontar erros ou tentar recobrir todos os aspectos dos fenômenos que se notam na escrita em ambientes digitais, esta investigação intenciona demonstrar que a escrita, assim como a oralidade, está inserida em uma dinâmica vivaz e criativa, respondendo ao seu tempo e às suas necessidades.

Como parte de um ambiente científico, a pesquisa também não pretende ser totalizadora ou ser a única resposta ao problema que cerca, conforme ensina Minayo (1994, p. 10) ao afirmar: “A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva”. Esse caráter não definitivo da pesquisa social, mais precisamente no âmbito da Educação, é explicado pela autora:

O objeto das Ciências Sociais é *histórico*. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o

dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (Minayo, 1994, p. 13).

É neste ambiente provisório, dinâmico, instável e específico que se desenvolve a pesquisa *A escrita sob a égide da cultura digital: continuidades e reconfigurações*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na área da Educação, pois coloca sob exame crítico dois fenômenos frequentes na escrita em ambiente digital; o ambiente, neste caso, foi o impulso para o fortalecimento deles, pela grande oferta de recursos.

A pesquisa se desenvolve a partir de diferentes ações: comparação entre as formas de escrita do passado com o sistema alfabético, exploração de alguns conceitos linguísticos, exame dos fundamentos da escrita alfabética, análises de textos coletados na internet, em ambientes de comunicação informal. Essa abordagem com diferentes frentes de ações permite compreender os fenômenos investigados a partir de bases teóricas e exemplos concretos extraídos do uso prático da linguagem em contextos digitais. Conforme destacam Cintra e Passarelli (2012):

A pesquisa qualitativa trabalha com exemplos ou com casos típicos, o que implica a observação de fenômenos ocorrentes na sociedade, a identificação de regularidades e tendências que podem orientar ações, em razão dos quadros sociais nos quais a pesquisa se dá (Cintra; Passarelli, 2012, p.21).

Considerando as particularidades e complexidades que envolvem os estudos sobre a escrita, especialmente no contexto da cultura digital, compreende-se não se poderá chegar a qualquer conclusão definitiva, pois a língua é um sistema em constante movimento, porém, é possível levantar hipóteses sobre mudanças na escrita, não na língua, mas na forma de fazer o registro de textos.

A presente pesquisa cerceia os aspectos formais e estruturais da linguagem escrita que se manifestam em redes sociais digitais, caracterizados pelo uso de recursos que combinam no texto signos verbais, imagens, sons e movimentos. É comum, nessas esferas de trocas comunicativas, que o usuário utilize recursos cada vez mais variados de palavras, sons, áudios, movimentos.

Para garantir maior objetividade da investigação, a pesquisa seguiu algumas etapas, sendo a primeira, a realização de um estudo bibliográfico da história das línguas, com o objetivo de ressaltar a natureza iconográfica de antigos sistemas de escrita; além de um estudo bibliográfico sobre a estrutura das línguas alfabéticas, em especial a Língua Portuguesa, a fim de destacar o papel das vogais na formação de sílabas, as quais constituem a base das palavras nos sistemas alfabéticos. Essa

revisão foi fundamental para assegurar a apresentação do problema e a defesa da hipótese lançada na penúltima seção desta pesquisa. Em um segundo momento, fez-se um levantamento de informações que delimitam o campo de estudo e mapea as condições em que a escrita digital se manifesta (Severino, 2017).

2.1 Constituição e delimitação do *corpus*

A definição do *corpus* da pesquisa é determinada pela natureza do objeto de investigação, assim, neste caso, sendo o objeto textos produzidos em ambientes virtuais, o *corpus* foi selecionado na internet, em diferentes redes. Esses espaços ganharam notoriedade como ambientes dinâmicos de produção e circulação de textos, nos quais são compartilhadas informações e opiniões. A natureza das interações nesses ambientes é predominantemente informal, diversificada, ora pacífica, ora provocativa e até mesmo conflituosa, refletindo a complexidade da sociedade na era digital.

Para a constituição do *corpus*, foram selecionados textos verbais e não verbais extraídos das redes sociais *Instagram*, *Facebook*, *X (antigo Twitter)* e *Threads*. Essas redes sociais foram escolhidas por sua ampla popularidade, diversidade de usuários e circulação intensa de conteúdos, o que as torna ambientes privilegiados para observar as transformações na escrita. Cada uma dessas plataformas apresenta características específicas que contribuem para o estudo da escrita em meio digital, como o uso de abreviações, *emojis*, *gifs*, *hashtags*, imagens e vídeos.

Ao articularem linguagem verbal e não verbal, os ambientes virtuais evidenciam a transformação da linguagem na cultura digital. A diversidade de estratégias expressivas adotadas pelos usuários sinaliza uma descentralização da primazia da palavra escrita, em favor de formas comunicativas que integram múltiplos recursos como parte da construção de sentido.

Nesse contexto, esta pesquisa se classifica, quanto aos procedimentos técnicos, como uma pesquisa documental, com o *corpus* constituído por textos digitais publicados em redes sociais, gerados por usuários diversos em contextos reais de interação. Segundo Severino (2017), a pesquisa documental recorre a uma variedade de fontes que ainda não foram objeto de tratamento analítico.

O autor ressalta que esse tipo de investigação engloba materiais impressos e registros imagéticos, sonoros e digitais, como jornais, fotografias, filmes, gravações e publicações em plataformas virtuais. Nessa perspectiva, os documentos são compreendidos como matéria-prima para o pesquisador, que os examina para interpretar aspectos da realidade social.

2.2 Critérios de seleção e organização: o garimpo textual

O processo de seleção do *corpus*, denominado aqui como “garimpo textual”, foi realizado a partir da observação das postagens em ambiente digital. As buscas restringiram-se a publicações realizadas no período de 1º de janeiro a 30 de setembro de 2025. Ao todo, foram coletados 31 documentos, extraídos das plataformas *Instagram, Facebook, Threads e X* (antigo *Twitter*).

A definição desse quantitativo está diretamente relacionada ao caráter qualitativo e exploratório da pesquisa, que não busca representatividade quantitativa. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa qualitativa privilegia a análise em profundidade de unidades relevantes para o fenômeno investigado, selecionadas por sua expressividade, recorrência e potencial analítico, e não por critérios de representatividade da amostra. Assim, o *corpus* desta pesquisa foi constituído priorizando textos que apresentassem a recorrência de fenômenos relacionados ao objeto da pesquisa, sendo delimitadas duas categorias:

- a) Textos com jargão “internetês”⁵, com abreviações, reduções e elipses comuns aos textos trocados em ambientes virtuais;
- b) Textos com signos verbais e não verbais: *emojis, gifs* e memes que circulam com frequência.

Cada item do *corpus* foi classificado em uma dessas categorias ou na interseção entre ambas, a depender da predominância dos recursos presentes. Essa organização encontra-se detalhada no Apêndice A.

⁵ Forma de escrita com estruturas típicas de interações digitais para tornar a comunicação mais rápida e expressiva.

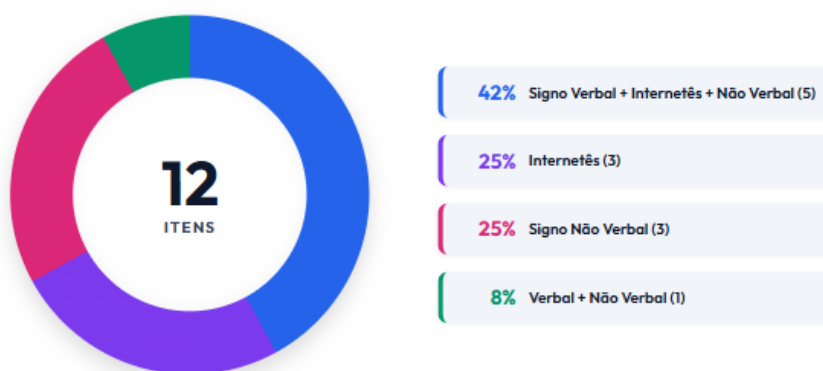
Os documentos foram coletados por meio do recurso de *print screen* e, posteriormente, organizados em um arquivo do editor de textos *Word*, no qual foram armazenados para posterior análise.

A coleta foi conduzida de forma ética e não invasiva, respeitando a privacidade dos sujeitos. Nenhum conteúdo foi retirado de perfil privado ou fechado por configurações de restrição. Todo o material analisado estava disponível em ambientes de acesso público e é apresentado de maneira anonimizada. A exceção aplica-se a materiais publicamente divulgados por empresas ou figuras públicas, cujas manifestações integram o *corpus* na condição de textos de circulação ampla e autorizada.

Embora o *corpus* completo tenha sido composto por 31 itens, a análise aprofundada recaiu sobre 12 textos selecionados a partir dos seguintes critérios:

- a) Variedade de manifestações do internetês e de signos;
- b) Diversidade de gêneros textuais e mídias sociais, ou seja, buscou-se garantir pluralidade quanto às fontes e aos formatos (memes, *emojis*, postagens, campanhas);
- c) Presença de elementos que ampliam a capacidade de interpretação crítica, incluindo humor, ironia, denúncia, campanhas etc.

Figura 1 - Classificação dos dados pela predominância de manifestações do internetês e de signos



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Esse recorte visa à profundidade interpretativa, sem comprometer a diversidade do *corpus*, permitindo estabelecer relações significativas entre linguagem digital, práticas sociais e a construção de sentido nas redes.

2.3 Análise: o que levar em consideração?

A escrita digital se manifesta de forma dinâmica, refletindo acontecimentos do cotidiano. Nesse ambiente, elementos como memes, *gifs*, *emojis* e vídeos são utilizados para expressar emoções e posicionamentos variados, como ironia, indignação, comemoração, entre outros, evidenciando a relação direta entre linguagem e contexto sociocultural.

A análise do *corpus* foi conduzida em três etapas, a saber:

- a) Apresentação do contexto da postagem: descrição do ambiente digital de origem (plataforma), da proposta comunicativa e dos elementos que envolvem a publicação;
- b) Análise textual: observação das estruturas linguísticas, recursos expressivos, presença de internetês e estratégias de construção de sentido;
- c) Identificação de marcas de deslocamento da norma ortográfica tradicional: focalizando o uso de elementos híbridos, como *emojis*, abreviações, neologismos e desvios estilísticos que caracterizam a escrita digital contemporânea.

Com base nesses critérios, a análise buscou evidenciar características do fenômeno da escrita em ambiente digital, o qual demonstra que, a depender dos registros, o suporte material define o que fica para a posteridade e o que não fica.

A perspectiva adotada na análise foi qualitativa e interpretativa, baseada na análise de conteúdo (Bardin, 2002). Essa técnica revela-se pertinente à investigação, uma vez que tem como objeto principal a palavra e as múltiplas significações que ela carrega nos diferentes contextos de uso. Segundo Bardin (2002, p. 44), “a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis.” A autora complementa ainda que:

É o trabalhar a palavra e as significações que diferencia a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens (Bardin, 2002, p. 44).

A aplicação dessa técnica envolveu três etapas, conforme proposto por Bardin (2002). A primeira correspondeu à pré-análise, momento em que o *corpus* foi

organizado e sistematizado, definindo-se os critérios de seleção dos textos. A segunda etapa consistiu na exploração do material, com a definição de categorias relacionadas às especificidades da escrita digital, como o uso de recursos multimodais, abreviações, neologismos e estratégias de interação próprias das redes sociais. Por fim, realizou-se o tratamento dos resultados e a interpretação, buscando articular a dimensão verbal e não verbal das postagens e compreender os sentidos produzidos.

A análise dos dados foi realizada, portanto, em uma perspectiva qualitativa, permitindo observar como a escrita digital se constrói a partir de escolhas linguísticas não normativas, mas funcionalmente eficazes, que respondem às demandas comunicativas do ambiente virtual e refletem transformações nos modos contemporâneos de escrever e significar.

3 A ESCRITA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: INVENÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Figura 2 - Ideograma chinês: Sabedoria⁶



De acordo com informações do site *Ethnologue*⁷, referência em estatísticas sobre as línguas, estima-se a existência de 7.159 idiomas em curso no mundo, dos quais cerca de 3.200 não possuem linguagem escrita, ou seja, mais da metade dos idiomas desenvolvem algum tipo de escrita. Essa distância expressiva entre as modalidades oral e escrita mostra que, mesmo na atualidade, nem todas as sociedades estão estabelecidas sobre as bases do registro escrito, valendo ainda outros recursos, como a memória. Na orelha de seu livro *Tradição oral e tradição escrita*, Louis-Jean Calvet (2011) adverte: “Todas as sociedades de tradição escrita foram, em algum momento de sua história, sociedades de tradição oral. Os homens falaram antes de escrever e organizaram a sociedade em torno da fala”.

O surgimento da escrita indicou um caminho aparentemente sem retorno e determinou transformações profundas, como lembra Higounet (2003, p. 10): “A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária”. Tão notável a mudança, que o autor afirma: “A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita (Higounet, 2003, p. 10)”.

Calvet (2011, p. 3), em sua pesquisa sobre tradição oral e tradição escrita, organiza as sociedades de tradição escrita em quatro grupos: aquelas em que a escrita coincide com a língua oral (línguas europeias); as sociedades em que a língua escrita não coincide com a falada (línguas árabes); as sociedades cuja língua oral e escrita foram impostas, em processos de colonização (Américas e África); as

⁶ Ideograma Chinês. Disponível em: <https://institutoconfucio.ufg.br/n/138642-o-ideograma-chines>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁷ Ethnologue. Seção Início: Línguas do mundo. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Último acesso em 09 ago. 2025.

sociedades de tradição oral, sem cultivo de escrita. Pela proposta de Calvet (2011), esta pesquisa inscreve-se no terceiro grupo, considerando que a língua oficial do Brasil é a Língua Portuguesa, aqui estabelecida após um violento processo de colonização dos povos originários. Sobre isso, ressalte-se que, em dados de 2022, o Brasil possui 274 línguas indígenas, faladas por 304 etnias⁸. Sobre essas e outras línguas desaparecidas, impôs-se o idioma do colonizador, o qual já possuía um sistema de escrita complexo, originário do Latim.

A escrita, como material verbal, exige recursos palpáveis como papéis, grafites e canetas, os quais, ainda que tenham tido formatos diferentes ao longo do tempo, foram fundamentais para o desenvolvimento das sociedades letradas. Todavia, mais recentemente, uma tecnologia surge (uma tecnologia sem precedentes, muito diferente de qualquer outra que tenha sido utilizada na história das civilizações), colocando em dúvida o futuro da escrita em papéis: trata-se da tecnologia digital.

As transformações sociais, alavancadas pelas tecnologias, produzem efeitos duradouros que alteram a vida social, como afirma McLuhan (2009, p. 10): “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo”. O ambiente está produzindo diferentes fenômenos na sociedade, sendo que um deles interessa nesta investigação: o impacto sobre a escrita. Para melhor compreender o fenômeno, é conveniente repassar, em saltos históricos, a história da escrita.

A escrita desenvolveu-se em estreita relação com os suportes materiais disponíveis: pedras, tabuletas de barro, papiros e papéis, cada qual representando um avanço técnico cultural que redefiniu formas de registrar e difundir o conhecimento. Tabuletas de barro e pergaminhos restringiam-se a poucas pessoas habilitadas à leitura e à escrita; com a invenção da imprensa, no âmbito da revolução cultural no Ocidente, os materiais de escrita tornaram-se mais acessíveis. Catach (1996) afirma:

A descoberta da escrita foi, sob muitos pontos de vista, bastante comparável à da informática de hoje e, sem dúvida, bem mais importante ainda. Ferramenta técnica, a escrita constitui para as sociedades humanas um instrumento de pensamento de primeiríssima ordem, uma espécie de ‘segundo sistema de signos’, capaz de representar as mais abstratas operações e as mais diversas e amplas informações (Catach, 1996, p. 5).

⁸ Fonte: Ministério dos Povos Indígenas. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias> Acesso em: 28 out. 2025.

De modo análogo, as tecnologias digitais desencadeiam transformações profundas nos modos de produzir, armazenar e compartilhar o conhecimento. Assim como a imprensa, em seu tempo, democratizou o acesso à leitura e estimulou a alfabetização, as telas digitais possibilitam novas formas de interação e de produção textual, marcadas pela velocidade, pela fragmentação e pela integração de múltiplos recursos semióticos. A escrita, portanto, desloca-se do papel para o ambiente digital, mantendo sua função estruturante na organização do pensamento, mas assumindo uma estrutura híbrida que traduz a dinâmica comunicativa da cultura digital.

3.1 Sistemas de escrita: do som ao símbolo, do símbolo à letra

A escrita é uma das mais notáveis conquistas da humanidade. Ferreiro (1996, p. 10), estudiosa do processo de aquisição da escrita, inicia suas reflexões sobre alfabetização infantil afirmando: “A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação”. Essa assertiva ressalta o fato de que as primeiras tentativas de registro em paredes de cavernas e em objetos de barro portáteis buscavam algum tipo de representação. Hipoteticamente, esses registros levam a crer que essas representações marcavam acontecimentos (como uma caçada), rito (figuras em círculo); também podiam ser representações de uma espécie de calendário, identificação de grupos. Os inventários coletados por palentólogos sugerem muitas atividades, mas as interpretações são apenas pressuposições. A representação foi determinante em um processo que culminou com a codificação, em estágio amadurecido do processo de desenvolvimento da escrita. A cada sistema de escrita, atribui-se uma motivação, como mostra Fischer (2009):

A escrita não surgiu do nada. Muitos povos preferem atribuí-la à "divina providência". De fato, essa ficção sobreviveu na Europa até os anos 1800, e é ainda aceita por certas comunidades nos Estados Unidos e nos países islâmicos. Outros afirmam que a escrita completa — ou seja, a que preenche os três requisitos — foi "inventada" por volta da metade do quarto milênio a.C., quando os sumérios em Uruk buscaram um método melhor de lidar com contabilidade complexa. Outros ainda atribuem a escrita completa a um esforço grupal ou descoberta acidental. Existem outros para quem a escrita completa tem origens múltiplas, por várias razões. E finalmente há quem afirme que a escrita plena é produto de uma longa evolução da escrita antiga numa ampla região de comércio (Fischer, 2009, p. 14).

Como lembra Fisher (2009), longe de ser fruto do acaso ou de uma criação repentina, a escrita resultou de um longo e complexo processo de elaboração que se estendeu por milênios: “Antes da escrita completa, a humanidade usou uma riqueza de símbolos gráficos e mnemônicos (ferramentas de memória) de vários tipos para acumular informações”.

Para compreender esse processo, Fischer (2009) propõe um percurso que pode ser dividido em quatro grandes momentos: pré-escrita, proto-escrita, escrita logográfica (ou logossilábica) e escrita alfabética. A esse respeito, o autor defende que a trajetória da escrita não deve ser compreendida como uma sucessão de estágios evolucionários, mas sim como a manifestação de diferentes formas de adaptação às múltiplas necessidades linguísticas e sociais de cada contexto.

Embora a classificação proposta por Fischer (2009) não represente uma evolução linear, nem se aplique de forma homogênea a todas as culturas, ela fornece um panorama geral que evidencia a complexidade e a diversidade dos sistemas gráficos desenvolvidos ao longo do tempo. Além disso, o autor prefere não buscar conceitos definitivos para a escrita, ao afirmar: “É melhor evitar a armadilha’ de uma definição inteiramente formal, porque a escrita tem sido, é e será inúmeras coisas distintas para diferentes inúmeros povos distintos em incontáveis épocas diferentes” (Fischer, 2009, p. 14). Na sequência, o autor explica o que significa a expressão “escrita completa”, indicando três critérios:

Em vez disso, para o objetivo imediato desta história da escrita, deve-se talvez voltar para a questão mais relevante da "escrita completa", aqui definida como aquela que preenche estes três requisitos:

- A escrita completa deve ter como objetivo a comunicação.
- A escrita completa deve consistir de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica.
- A escrita completa deve usar marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala (o arranjo sistemático de sons vocais significativos) ou uma programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada (Fischer, 2009, p. 14).

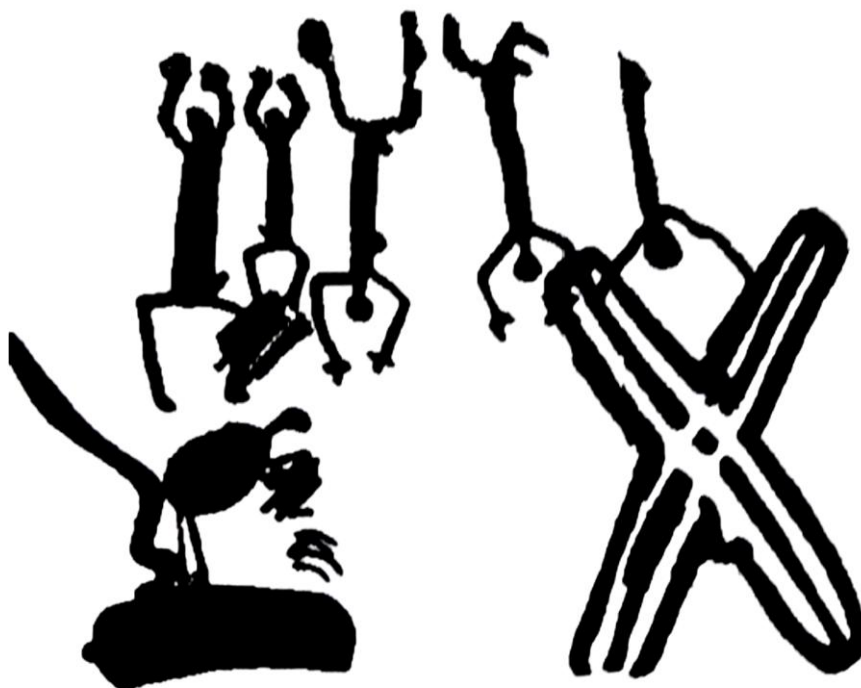
Os critérios indicados por Fischer (2009) ajudam a compreender que a escrita, tal como se conhece hoje, é resultado de estágios com durações diferentes, que permitiram às culturas antigas desenvolverem sistemas de escrita como forma de registro de seus movimentos contábeis, em decorrência do comércio e, assim constituída, ela passa a ser utilizada para outros fins, como registros das origens, os

mitos. A escrita passa a ser um importante fundamento para a transmissão de conhecimentos.

Ao transformar as formas de registrar, organizar e compartilhar o conhecimento, a escrita ampliou consideravelmente o alcance da informação. Por meio dela, saberes são preservados e compartilhados entre gerações; acordos são firmados e alianças desfeitas. A informação, antes restrita ao tempo presente e ao espaço imediato da oralidade, passou a atravessar séculos e fronteiras, sustentando impérios, religiões e sistemas econômicos. Dessa forma, a escrita atua como um veículo que, percorrendo as épocas e as culturas, transporta a memória coletiva, permitindo que a história se desdobre no tempo. Explorar a trajetória da escrita é como embarcar em uma jornada pela história da humanidade.

Estudiosos das línguas no mundo, tais Sampson (1996), Higounet (2003), Fischer (2009), Sampaio (2009) e outros, observam que as civilizações, a partir de suas necessidades, buscaram métodos distintos para registrar e compartilhar conhecimentos, desenvolvendo diferentes sistemas de escritas. Cada sociedade, a seu modo, buscou, em tecnologias disponíveis, representar o mundo por meio de sinais, símbolos e formas gráficas, criando sistemas próprios de significação.

Figura 3 - Pintura rupestre de Caiapônia-GO, datada de 950 a 2.500 a.C.



Fonte: Sampaio (2009, p. 52).

A figura 2, uma pintura rupestre cujo registro está em uma caverna Caiapônia, em uma região de Goiás habitada pelo povo indígena Caiapós. Os grafismos parecem mostrar um ritual de dança, com figuras que parecem em movimento ritmado, indicando algo como um rito.

Ainda que vistos como ferramentas de desenvolvimento, esses sistemas expressam muito mais técnica e tecnologia. Ferreiro (2013), ao discutir as transformações que ocorrem quando uma criança ou um adulto faz seu ingresso na cultura escrita, adverte que esse evento não representa apenas processos de transformação associados ao desenvolvimento material, mas configura um fenômeno muito mais complexo, que envolve muitas práticas emancipadas por meio da escrita.

Sendo assim, conectando a discussão de Ferreiro (2013) com as comunidades que habitavam as cavernas, também é preciso desconstruir concepções reducionistas que tratam da origem da escrita como um evento relacionado ao desenvolvimento técnico e material ou à economia. Ainda que não seja possível fazer leituras definitivas, apenas hipotéticas, é preciso considerar que os grafismos comunicavam hábitos, pressentimento, acontecimentos, marcações de tempo, além de notarem dimensões espirituais, emocionais, míticas, comunais. Para ilustrar, tem-se a seguinte explicação de Sampaio (2009):

Os grafismos também conectavam pensamento e linguagem, sendo que alguns deles revelam admirável senso artístico. Esses registros que conseguiram atravessar o tempo conectam as sociedades do presente ao um passado que parece longe, mas foi ontem, se for considerado o longo tempo de desenvolvimento do homem no planeta (Sampaio, 2009, p. 52).

As sociedades do passado, ao utilizarem paredes de pedras e tintas e instrumentos para talhar as pedras, deixaram para as sociedades atuais registros perenes, os quais, dificilmente, as sociedades atuais conseguirão deixar para as sociedades do futuro, visto que suas ferramentas são efêmeras, enquanto as primeiras sociedades registraram grafismos que atravessam o tempo e as civilizações.

3.2 A escrita em estágios: pré-escrita e proto-escrita

As paredes das cavernas foram o começo dos registros das comunidades primitivas. Mas a disposição mental, as mudanças configurações sociais, o comércio, o uso de técnicas e tecnologias permitiram o uso de outros materiais para registros

importantes. Fischer (2009) e Higounet (2003) destacam recursos que foram refinando os registros, não mais em paredes de cavernas, mas dispendo de outros materiais, com possibilidade de serem transportados, como os *quippos*, recursos mnemônicos utilizados pelos incas para cálculos, marcações de calendários e eventos importantes para o povo. Higounet (2003, p. 12) contextualiza os *quippos*:

A utilização de cordinhas com nós e de bastões com entalhes para o cálculo, a cronologia e a transmissão de notícias representa um progresso em relação a esses primitivos. Os *quippos* dos incas do Peru eram cordinhas com fios de diferentes e nós que serviam para fazer contas. Todas as civilizações primitivas, da Escandinávia antiga até a Austrália, também utilizaram os bastões entalhados como mensagem ou como meio mnemotécnico.

Fischer (2009, p. 16) traz uma representação desses *quippos* do povo inca, construído com cordas:

Figura 4 - Os *quippos* dos povos incas



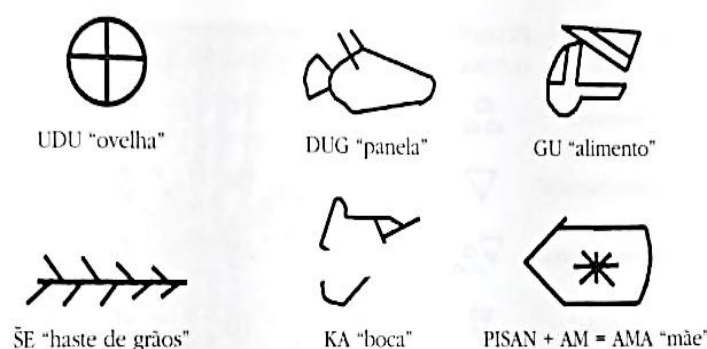
Fonte: Fischer (2009, p. 16)

Fischer (2009, p. 15) afirma que antes do surgimento da escrita como se conhece, “muitos processos semelhantes à escrita existiam”. De acordo com o autor, no estágio da pré-escrita e a proto-escrita, foram empregados símbolos de caráter representativo: os pictogramas e ideogramas que demonstravam uma intenção comunicativa, ainda desprovidas de uma correspondência sistemática com os sons da fala. Essas primeiras formas de representação, ainda rudimentares, foram muito significativas, pois constituíram dispositivos que conseguiram registrar eventos do mundo e dar permanência ao efêmero.

A pré-escrita revela não apenas um momento embrionário da comunicação gráfica, mas também o anseio humano de transcender o tempo por meio da linguagem. A fase da pré-escrita se caracteriza pelo uso de pictogramas que representavam objetos, seres ou situações, registros visuais gravados em cavernas, pedras, ossos, cascas de árvores ou trançados em cordas. Essas representações serviam como recursos mnemônicos, contribuindo para a preservação da memória coletiva e facilitando a troca de informações entre os membros de uma comunidade (Fischer, 2009; Sampaio, 2009).

A proto-escrita foi um estágio de refinamento, em que as representações visuais passaram por um processo de padronização. Esse estágio é marcado, sobretudo, pela incorporação de ideogramas (símbolos que não se limitam à representação de objetos concretos, mas exprimem ideias e conceitos abstratos). Essa mudança sinaliza a transição gradual para formas de registro mais organizadas, aproximando-se da escrita formal e evidenciando o potencial simbólico e comunicativo das imagens na mediação do pensamento humano. Fischer (2009) apresenta como exemplo a proto-escrita cuneiforme:

Figura 5 - Proto-escrita cuneiforme



Fonte: Fischer (2009, p. 47)

As atividades cotidianas e novas percepções do uso de sinais contribuíram para que os registros em estágio de proto-escrita evoluíssem para o sistema escrito, com a incorporação de elementos silábicos, que deram origem aos chamados sistemas logossilábicos. Dois dos sistemas mais antigos e influentes desse estágio são a escrita cuneiforme e os hieróglifos que, posteriormente, ultrapassaram etapas anteriores, evoluindo para estágios complexos de significantes e significados.

Desenvolvida no contexto da antiga Mesopotâmia, a escrita cuneiforme teve origem entre os sumérios e tornou-se um dos sistemas de escrita mais difundidos do Oriente Médio antigo. Sua versatilidade possibilitou que fosse incorporada por diferentes civilizações, como acadianos, assírios e babilônios, o que contribuiu para sua ampla circulação e para sua relevância histórica e cultural (Fischer, 2009). Higounet (2003, p. 31) explica o fundamento da escrita cuneiforme:

Para escrever mais rápido, os escribas inicialmente substituíram os dois instrumentos, cálamo por traços, cunha arredondada para algumas marcas, cujo emprego é demonstrado pelas tabuletas arcaicas, apenas pelo junco cortado obliquamente que deu desenhos de traços mais pronunciados.

Higounet (2003) demonstra em um quadro a evolução da escrita cuneiforme:

Figura 6 - Evolução da escrita cuneiforme

| | Warka | Djemdet Nasr | Cuneiforme primitivo | Cuneiforme clássico |
|----------------------|-------|--------------|----------------------|---------------------|
| cabeça | | | | |
| mulher | | | | |
| astro céu deus | | | | |
| sol dia | | | | |
| peixe | | | | |
| boi | | | | |

Fonte: Higounet (2003, p. 35)

A Figura 5 mostra que a escrita cuneiforme passou por transformações, com representações que paulatinamente se afastavam da imagem, para representações

mais abstratas. Além disso, a escrita cuneiforme foi utilizada em diferentes regiões, o que resultou em algumas variações dessa escrita. Cada povo ajustou o sistema às peculiaridades de sua própria língua, é o que acredita Higounet (2003, p. 30):

É possível que elas tenham saído da mesma ideia; mas do ponto de vista da forma, é mais provável que cada centro de civilização tenha realizado a ideia dessa escrita por seus próprios meios: a Suméria inventou o sumério, Elam, sua escrita, o Egito e a China a deles.

A capacidade de adaptação da escrita cuneiforme evidência a engenhosidade dos antigos escribas e a dinâmica própria dos sistemas de escrita enquanto fenômenos culturais. Concebida inicialmente com a finalidade de manter registros contábeis e a organização do comércio na região, a escrita cuneiforme (cunha) ultrapassou o âmbito administrativo e expandiu suas fronteiras.

Gravada em placas de argila com o uso de estiletos em forma de cunha, essa escrita baseava-se em sinais que possuíam uma relação direta com os objetos que representavam (Higounet, 2003; Fischer, 2009). A escrita cuneiforme passou a ser elaborada de forma complexa. Na Suméria, esse processo possibilitou a expansão da escrita para outras áreas, como a literatura, a religião e documentos legais, podendo-se destacar o Código de Hamurabi (Higounet, 2003), considerado um dos primeiros conjuntos de leis escritas da história.

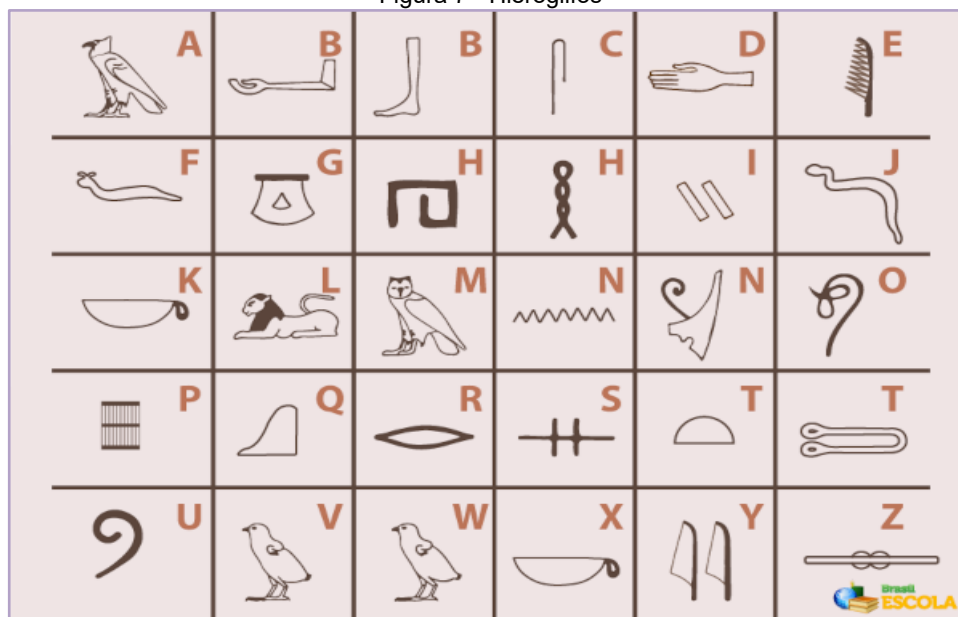
O próximo passo na consolidação dos sistemas de escrita nas mais diversas civilizações foi o surgimento da escrita logográfica, cujo emprego de sinais passaram a representar não apenas imagens ou objetos concretos, mas palavras inteiras associadas ao som do nome de objetos. Esse processo também abriu espaço para o uso de fonogramas, símbolos que indicam sons específicos, ampliando a capacidade expressiva do sistema.

Um exemplo significativo da fase logográfica é a escrita egípcia, que se desenvolveu de formas distintas: os hieróglifos, a escrita hierática e a demótica. Essas formas coexistiam cada uma sendo empregada em um contexto específico, refletindo as múltiplas demandas culturais, religiosas e administrativas daquela civilização (Higounet, 2003; Fischer, 2009). Os hieróglifos, considerados sagrados pelos egípcios, eram como a “fala dos deuses” (Higounet, 2003, p. 37).

Com forte apelo visual, os hieróglifos se destacavam por seu caráter artístico e simbólico, sendo compostos por sinais que se assemelhavam a desenhos minuciosamente elaborados. Eram utilizados principalmente em inscrições

monumentais, como nas paredes de templos, túmulos e documentos solenes, cujo valor estético se destacava.

Figura 7 - Hieróglifos



Fonte: Brasil Escola (s.d).

A escrita hierática, por sua vez, era uma versão mais simplificada dos hieróglifos, com traços cursivos e maior fluidez gráfica. Era utilizada sobretudo por sacerdotes em documentos do cotidiano, redigidos em suportes mais práticos como o papiro e com o uso de tinta (Sampaio, 2009). Já a escrita demótica, como indica sua própria denominação no grego (*demos* = o povo), possuía um caráter mais popular e era amplamente empregada em registros administrativos, jurídicos e literários (Higounet, 2003). A coexistência dessas formas evidencia a capacidade do sistema egípcio de se adaptar às diferentes esferas da vida social, garantindo tanto a preservação do sagrado quanto a funcionalidade prática das atividades cotidianas.

Comparando os dois grandes sistemas que se desenvolveram no Oriente Médio e no Egito, a escrita cuneiforme e a escrita hieroglífica, é possível perceber como as particularidades culturais se refletem nas características dos sistemas gráficos, indica Fischer (2009). Enquanto a escrita cuneiforme mesopotâmica demonstra um estilo mais pragmático e funcional, os hieróglifos egípcios destacam-se por sua estética refinada, transmitindo uma simbologia visual sofisticada e repleta de significados espirituais. Tanto a escrita cuneiforme quanto a egípcia, embora distintas em suas estruturas, foram um instrumento importante no desenvolvimento das sociedades antigas. Nas palavras de Fischer (2009):

Quando o som assumiu a prioridade no sistema, a escrita incompleta se tornou escrita completa. Esse processo parece ter ocorrido por volta de 3700 a.C. A transição expandiu exponencialmente as possibilidades da escrita – e inspiraram adaptações imediatas do Nilo ao Vale do Indo (Fischer, 2009, p. 30).

Apesar de terem emergido em contextos históricos e culturais distintos, as escritas cuneiforme e hieroglífica desempenharam um papel fundamental na comunicação e na estruturação social de suas respectivas civilizações. Gradualmente, esses sistemas foram transformados, abrindo caminho para o desenvolvimento dos alfabetos, definindo uma nova etapa na história da escrita (Higounet, 2003).

3.3 As “línguas completas”

Sampson (1996) lembra que a história da escrita é muito mais breve do que a histórias das línguas faladas, cujos processos, pode-se imaginar, foram muito longos, com muitos estágios prolongados, sem vestígios. Ao contrário, o desenvolvimento da escrita, por sua natureza material, deixou vestígios em cavernas, utensílios e, mais tarde, em materiais desenvolvidos especificamente para essa finalidade.

O processo de desenvolvimento das línguas consolidou vários sistemas de escrita com destaque para os sistemas logográficos, como a escrita chinesa, nos quais os logogramas (ideograma ou pictograma) equivalem a uma palavra, uma expressão ou um conceito, e para os sistemas alfabético, como a língua portuguesa, os quais os grafemas representam consoantes ou vogais. Em tais sistemas desenvolvem-se línguas escritas que Fischer (2009), chama de “línguas completas” a partir de três requisitos que, a título de retomada, são:

- A escrita completa deve ter como objetivo a comunicação.
- A escrita completa deve consistir de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica.
- A escrita completa deve usar marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala (o arranjo sistemático de sons vocais significativos) ou uma programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada (Fischer, 2009, p. 14).

Desses sistemas, destacam-se dois: os logográficos e os alfabéticos, com características distintas.

3.3.1 Os sistemas logográficos

Exemplo de língua logográfica é a escrita chinesa, que se destaca pela longevidade e relativa estabilidade, considerando seus 5.000 de existência. Sampson (1996, p. 162) apresenta uma lista de caracteres ideográficos da língua chinesa: a primeira coluna é uma forma original, a segunda coluna é a forma moderna, a terceira coluna é a pronúncia, a quarta coluna o significado:

Figura 8 - Escrita chinesa

| | | | | |
|-----|--|---|------|--|
| 1. | | 日 | rù | "sol/dia" |
| 2. | | 雨 | yǔ | "chuva" |
| 3. | | 水 | shuǐ | "rio/água" |
| 4. | | 魚 | yú | "peixe" |
| 5. | | 人 | rén | "homem" (isto é, ser humano) |
| 6. | | 女 | nǚ | "mulher" |
| 7. | | 口 | kǒu | "boca" |
| 8. | | 目 | mù | "olho" |
| 9. | | 眉 | méi | "sobancelha" |
| 10. | | 木 | mù | "árvore" |
| 11. | | 其 | cǐ | "cesta de joeirar/pendurar" |
| 12. | | 子 | zǐ | "criança" |
| 13. | | 兼 | jiān | "ter dois ao mesmo tempo" (mão segurando duas flechas) |
| 14. | | 若 | ruò | "render-se, conformar-se" |
| 15. | | 東 | dōng | "leste" (sol atrás de árvore) |
| 16. | | 囚 | qiū | "prisioneiro" (homem em cela) |
| 17. | | 好 | hǎo | "amor" (mulher e criança) |
| 18. | | 妒 | dù | "brigar" (duas mulheres) |
| 19. | | 言 | yán | "flauta" |
| 20. | | 辟 | pì | "príncipe" |

Fonte: Sampson (1996, p. 162).

De acordo com Higounet (2003, p. 48), o chinês é o "único dos antigos sistemas de escrita atualmente em uso", destacando-se seja pela quantidade de usuários, seja pela estabilidade de seus princípios milenares. Sampson (1996, p. 128) ainda repara na influência da civilização chinesa sobre povos vizinhos:

A China foi a primeira civilização a surgir no leste da Ásia; assim, quando nações vizinhas, como a Coreia, o Japão e Vietnã, começaram sua escalada da barbárie para a civilização, inevitavelmente voltaram o olhar para a China como antiga fonte de cultura e, em grande parte, tomaram emprestadas suas instituições e invenções (Sampson, 1996, p. 128).

Como presença forte no leste da Ásia, o sistema ideográfico chinês influenciou a escrita de outros povos em seu redor, os quais também desenvolveram escritas próprias, baseadas no sistema logográfico. Atualmente, frente ao cenário político e econômico (China) e frente à popularização de produtos culturais (Coreia do Sul), as línguas logográficas se fortalecem como sistema de escrita.

3.3.2 Os sistemas alfabéticos

Os sistemas alfabéticos, por sua vez, expandem-se em todos os continentes, mas principalmente no Ocidente, onde está consolidado em várias línguas, dentre as quais a Língua Portuguesa que, como outros idiomas, é originária do Latim. A expansão se deu por movimentos históricos, com o domínio europeu no período das grandes navegações, que resultou em fundação de colônias nas Américas, em África e em partes da Ásia (Störig, 2003).

Ao contrário dos sistemas logográficos, os alfabetos organizam a escrita com base em fonemas, ou seja, os menores sons distintivos de uma língua. A sistematização dos alfabetos tornou a escrita mais acessível e adaptável a diferentes línguas e contextos culturais.

De acordo com Fischer (2009), os sistemas alfabéticos podem ser categorizados em dois grandes subgrupos: os alfabetos consonantais, que registram apenas as consoantes, a exemplo do alfabeto fenício; e os alfabetos completos, que incorporam a notação tanto de consoantes quanto de vogais, como é o caso dos alfabetos grego e latino.

O alfabeto fenício, por exemplo, desenvolvido por volta de 1000 a.C., era constituído por um conjunto de vinte e dois sinais que representavam apenas consoantes. Criado com o intuito de facilitar as transações comerciais, Fischer (2009) salienta que a expansão do alfabeto fenício foi impulsionada pelas práticas de navegação, comércio e colonização empreendidas por esse povo, que disseminou o uso desse sistema por diversas regiões do Mediterrâneo.

O alfabeto grego foi decisivo nesse processo de transformação da escrita ao introduzir sinais específicos para indicar as vogais. Higounet (2003) ressalta a importância estrutural e cultural do alfabeto grego. Mais do que um elo entre os alfabetos semíticos e o latino, o alfabeto grego contribuiu para consolidar um modelo gráfico capaz de representar a oralidade com exatidão na notação das vogais. Além disso, foi por meio desse sistema que se registrou uma das línguas mais expressivas da antiguidade, portadora de um pensamento filosófico, científico e literário que teve grande impacto sobre a civilização ocidental.

Embora o alfabeto grego represente um avanço importante, tanto do ponto de vista técnico quanto simbólico, sua valorização como o modelo mais sofisticado de escrita é contestável. Olson (1997) questiona essa visão ao explicar que, línguas como o chinês, demonstram maior eficiência na transmissão de significado do que o próprio alfabeto. Sua crítica aponta para a existência de uma “mitologia” ocidental que tende a projetar sobre o alfabeto qualidades universais que, na verdade, refletem contingências históricas e interesses culturais específicos.

A proficiência de culturas que utilizam sistemas de escrita não alfabéticos, como o japonês e o chinês, desafia a noção de que a simplicidade do alfabeto estaria naturalmente correlacionada a níveis mais elevados de alfabetização ou de desenvolvimento cultural. Olson (1997) sugere que essa crença na superioridade do alfabeto não passa de uma espécie de “mitologia” ocidental, uma construção que atende mais a interesses históricos e culturais específicos, diretamente ligados aos processos de colonização e cristianização do mundo, do que a uma verdade universal.

Reconhecer essa diversidade de formas e funções da escrita permite ampliar a compreensão da linguagem como tecnologia socialmente situada, cujas características se ajustam às estruturas linguísticas e às necessidades comunicativas de cada grupo. Essa abordagem, por sua vez, é essencial para compreender as reconfigurações contemporâneas da linguagem escrita, sobretudo no contexto da cultura digital, na qual o alfabeto, embora ainda presente, já não ocupa mais uma posição de centralidade absoluta. Trata-se, na verdade, de uma mudança paradigmática que exige um olhar crítico para as novas formas de mediação, registro e circulação da mensagem, em que o alfabeto, embora ainda muito presente, passa a atuar em conjunto com outros elementos, como imagem, som e vídeo.

Dando continuidade ao percurso histórico, não menos relevante foi o alfabeto latino, um dos sistemas de escrita mais resilientes e influentes da história. De acordo

com Higounet (2003), embora existam diferentes teorias sobre a sua origem, a explicação mais provável é a de que o alfabeto latino tenha resultado de um empréstimo feito pelos romanos a partir do sistema de escrita dos etruscos, por volta de 753 a.C. Os etruscos, povo da península Itálica utilizavam um alfabeto derivado do grego. A partir desse contato, os romanos reformularam a escrita para adaptá-la ao latim, língua que posteriormente daria origem às línguas românicas.

Com a expansão do Império Romano, o latim se consolidou como língua e escrita dominante, estendendo sua influência por mais territórios e em áreas estratégicas como o direito, a administração e a religião. Ao ser adotado como língua oficial da Igreja, tornou-se um instrumento de comunicação doutrinária e o principal meio de preservação dos textos sagrados e da tradição cristã (Higounet, 2003; Fischer, 2009). A escrita, nesse momento, sagrou-se como um instrumento de fé e de poder.

A história da linguagem escrita na tradição ocidental está profundamente enraizada no legado do alfabeto latino que, mesmo após o declínio do Império Romano, fortaleceu-se por meio da tradição cristã. Durante a Idade Média, os mosteiros se tornaram centros de preservação do conhecimento escrito. Em um contexto de escassez de material e de acesso restrito ao conhecimento, os monges copistas tornaram-se os principais responsáveis pela transmissão da herança textual da Antiguidade. A escrita, então, era uma prática quase sagrada, cuidadosamente cultivada em ambientes reclusos e voltada predominantemente para fins religiosos. Com paciência, eles transcreviam, letra por letra, os textos que atravessariam séculos e moldariam o pensamento de gerações.

A partir dos séculos XII e XIII, verifica-se uma mudança significativa na função e na circulação da escrita. A escrita ultrapassa os muros dos mosteiros e começa a se expandir para o mundo secular. Segundo Higounet (2003), esse movimento está diretamente relacionado ao surgimento de universidades. A crescente demanda por livros impulsionou a organização da produção manuscrita em corporações especializadas, regulamentadas por estatutos próprios e supervisionadas por autoridades acadêmicas. Assim, a escrita se institucionaliza também no espaço universitário, contribuindo para a formação de uma nova elite letrada.

Paralelamente a esse contexto acadêmico, o fortalecimento dos Estados nacionais e o renascimento do direito romano ampliaram ainda mais as exigências por registros escritos. Nesse processo, destacam-se as chancelarias, ou seja, órgãos

oficiais responsáveis pela elaboração, autenticação e guarda de documentos administrativos e diplomáticos, bem como o notariado, sistema jurídico no qual profissionais legalmente habilitados (os notários) registravam e conferiam validade a atos civis e contratos. A constituição de grandes chancelarias e a expansão do notariado, sobretudo na França, Inglaterra e Itália, consolidaram a escrita como uma ferramenta fundamental da administração pública (Higounet, 2003).

Higounet (2003) explica que outro avanço decisivo ocorreu a partir da metade do século XIII, com a introdução do papel. Em substituição gradativa ao pergaminho, o novo suporte expandiu as possibilidades de produção textual ao reduzir custos e facilitar a circulação de documentos. Essa alteração contribuiu para a democratização do acesso à prática da escrita para além dos círculos eclesiásticos e aristocráticos.

Já no século XIV, a ascensão da burguesia e sua crescente participação no cenário político e econômico impulsionaram uma nova fase de democratização da escrita. O desejo de ascensão social motivou a busca por educação formal, resultando na criação de escolas públicas. Fischer (2009) observa que essa ampliação do acesso promoveu transformações não apenas na quantidade, mas também na qualidade da produção escrita. Em contraste com os monges copistas da Idade Média, que seguiam rigorosos padrões estéticos na confecção dos manuscritos, os escribas dos séculos XIV e XV passaram a adotar caligrafias mais funcionais, menos ornamentadas e voltadas à praticidade.

Embora consideradas menos elegantes, as caligrafias adotadas pelos escribas dos séculos XIV e XV serviram, posteriormente, como base para os primeiros tipógrafos do século XV. Essa transição da escrita refletia a funcionalidade exigida pelas novas práticas administrativas e comerciais, além de antecipar uma transformação mais profunda no modo de reprodução dos textos. Antes da consolidação da prensa tipográfica, diversas civilizações já haviam buscado métodos para reproduzir materiais escritos.

Conforme observa Fischer (2009), os escribas sumérios, por exemplo, utilizavam uma espécie de cilindro de marcação que, ao ser rolado sobre a argila úmida, permitia gravar os textos com maior uniformidade. Do outro lado do mundo, os chineses também desenvolveram diversos métodos de impressão, entre os quais se destacam os blocos de madeira.

Foi por volta de 1450 que se instaurou uma verdadeira ruptura no modo de produção e circulação da escrita a partir da invenção da prensa tipográfica por

Johannes Gutenberg. O que antes era copiado manualmente passou a ser multiplicado mecanicamente. Assim, a escrita, até então restrita a um círculo elitizado de religiosos e acadêmicos, tornou-se disponível a um público mais amplo. Como destaca Eisenstein (1998), essa disseminação do conhecimento, viabilizada pela produção em larga escala de livros e outros materiais impressos, impulsionou profundas transformações sociais, científicas e culturais, contribuindo para a ascensão da sociedade industrial.

Desde os primeiros registros em suportes materiais rudimentares até a invenção da prensa tipográfica no século XV, observou-se um movimento contínuo de adaptação da linguagem escrita às exigências culturais, econômicas e políticas de cada época. Como evidenciam autores como Fischer (2009) e Eisenstein (1998), as mudanças nos modos de produção e circulação da escrita estiveram frequentemente associadas a transformações mais amplas na organização das sociedades humanas.

A passagem da escrita manual à mecanizada e, posteriormente, à digital, redefiniu os suportes utilizados e provocou alterações nas formas de uso da escrita, inclusive em seus valores estéticos. Para Fischer (2009), a caligrafia tradicional, antes valorizada, cedeu lugar a fontes tipográficas digitais, acessadas com a facilidade de um clique, evidenciando o impacto das tecnologias na forma e na função da escrita contemporânea.

3.4 As gravuras e as letras: os primeiros sistemas de escrita

Para finalizar esta seção, a qual, de forma muito breve e introdutória, apresentou um percurso histórico de alguns sistemas de escrita, ressalta-se que seu objetivo não é trazer um estudo profundo sobre a história da escrita em si, pois isso já foi amplamente realizado por filólogos e linguistas, podendo-se ressaltar aqui os estudiosos que sustentam as informações que aqui constam: *História da Escrita* (2009), de Steven Roger Fischer, *História concisa da escrita* (2003), de Charles Higounet, *Letras e memória: uma breve história da escrita* (2009), de Adovaldo Fernandes Sampaio, *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia* (1996), de Geoffrey Sampson, *A aventura das línguas: uma história dos idiomas do mundo* (2003), de Hans Joachim Störig.

A breve história da escrita apresentada nesta pesquisa, em percurso com muitas lacunas, tem o propósito de mostrar que elementos considerados pertencentes a estágios primários da escrita, no Ocidente, estão sendo revitalizados na sociedade digital, com outros recursos, outros materiais, novas dinâmicas.

A gravura, após um longo período relegada a ilustrações de livros, constitui no presente um dos fenômenos mais interessantes da contemporaneidade: o apelo das imagens nas comunicações em meios digitais. Um olhar mais atento para esse aspecto revela-se metodologicamente importante para esta pesquisa, pois prepara o terreno para as análises que seguem nesta dissertação, em que há uma valorização das imagens na comunicação cotidiana, especialmente nos ambientes digitais.

Antes de prosseguir, é importante dirimir dúvidas a respeito de uma confusão frequente: desenho pode ser escrita? Desenho e signo ideográfico são equivalentes no sistema escrito? O desenho na caverna é um desenho, isolado em seu processo de comunicação, não fazendo parte de um sistema; diferentemente, o signo ideográfico é escrita, pois integra um sistema e funciona de articulada a outros signos.

Cagliari (2009), ao explorar os limites entre essas duas formas de representação, sustenta que o desenho se caracteriza por sua natureza icônica, ou seja, por representar elementos do mundo de forma visualmente semelhante à realidade. Para o autor, a distinção fundamental entre ambas as formas não reside na aparência gráfica, mas sim na função comunicativa que exercem e nas convenções linguísticas que estruturam o sistema de escrita. No entanto, ele também enfatiza que essa distinção é uma construção cultural e histórica, e que a própria escrita já foi, em sua origem, altamente visual.

A escrita ocidental passou por um processo histórico de progressivo afastamento da imagem, substituindo-a por sinais abstratos e fonéticos, sobretudo a partir da consolidação dos sistemas alfabéticos. No contexto da cultura digital, observa-se um movimento inverso, ou híbrido, em que a escrita tende a se reaproximar do desenho e da imagem. Os recursos visuais, além de acompanhar o texto escrito, em muitos casos assumem completamente a função textual. Esse fenômeno aponta para uma certa instabilidade na delimitação entre imagem e escrita, indicando a necessidade de se repensar e expandir os critérios tradicionais que orientam a definição do que é “escrever” (Cagliari, 2009).

Embora não trate da escrita na era digital, as discussões do autor contribuem para a compreensão de que a escrita digital não constitui uma ruptura em relação às

formas anteriores de escrita, mas integra um processo contínuo de transformação, no qual a visualidade adquire novas funções e significados, agora potencializados pelas tecnologias digitais. Essa compreensão fortalece a hipótese de que nos ambientes digitais há uma tendência a um descolamento da escrita ortográfica, consolidando modelos híbridos de produção de texto.

Esse percurso histórico demonstra que a escrita, desde seus primórdios, sempre esteve ancorada em recursos gráficos que mediam a produção e a circulação do texto. Assim, a transição dos suportes materiais, do papel às telas digitais, não representa uma ruptura, mas sim uma reconfiguração das práticas de escrita, marcada por novas possibilidades expressivas e interacionais. Nesse sentido, o uso de *emojis*, memes e outros signos não verbais pode ser compreendido como parte de um processo contínuo de evolução da linguagem escrita.

As implicações mais profundas dessas transformações, especialmente no que diz respeito ao impacto da cultura digital sobre a língua portuguesa, serão exploradas nas próximas seções. A seção seguinte, em especial, buscará apresentar o funcionamento da escrita em língua portuguesa, sem a pretensão de realizar uma análise exaustiva, mas com o intuito de estabelecer uma base comparativa para os fenômenos abordados posteriormente.

4 FUNCIONAMENTO DOS SISTEMAS ALFABÉTICOS: ESFERAS DE PODER

Em sua origem, a escrita surge como técnica de registro e administração de práticas do comércio, como no sistema cuneiforme da Mesopotâmia (Higounet, 2003; Fischer, 2009), mas com o tempo se transforma em um elemento fundamental para a organização das sociedades, da memória coletiva e de domínio.

De acordo com Gnerre (2009), a escrita tem sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, como a filologia, a antropologia, a psicologia, a sociologia, a educação e as ciências da comunicação. Cada uma dessas disciplinas a aborda sob diferentes ângulos: como sistema simbólico, prática sociocultural, instrumento de produção e circulação do saber ou mecanismo de poder. Essa diversidade de enfoques evidencia a complexidade que envolve a compreensão da escrita enquanto objeto de estudo. Como ressalta o autor, “alcançar uma boa compreensão da série de fatos e de ideias que são relevantes para o campo de estudos da escrita é uma façanha complexa” (Gnerre, 2009, p. 39).

Nesse sentido, Ferreiro (2013) defende a necessidade de consolidar um campo disciplinar específico para o estudo da escrita, uma vez que esta, muitas vezes, é tratada de forma naturalizada, tanto no cotidiano quanto no meio acadêmico. Assim, a escrita é vista apenas como uma técnica de transcrição dos sons da fala, desconsiderando sua complexidade e historicidade. Entretanto, como adverte Higounet (2003), a escrita é um procedimento que

[...] dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano (Higounet, 2003, p. 10).

Longe de ser uma mera representação gráfica da fala, Higounet (2003) ressalta o papel estruturante da escrita na formação das civilizações, o que a torna um objeto de investigação complexo e essencial à compreensão das dinâmicas culturais, cognitivas e sociais.

Nesse contexto, o presente capítulo estabelece as bases teóricas para problematizar as elipses vocálicas observadas nas postagens que compõem o *corpus* da pesquisa. A supressão de vogais em determinadas palavras, recorrente na escrita digital, não deve ser interpretada como simples erro ou inadequação linguística, mas como resultado do acionamento de um conhecimento tácito compartilhado entre os

interlocutores. Ao suprimir determinadas letras, os usuários pressupõem a capacidade do leitor de reconstruir a forma plena da palavra, evidenciando um uso funcional e estratégico da língua em ambientes digitais.

4.1 Escrita e relações históricas com o poder

Historicamente, o surgimento dos primeiros sistemas de escrita, passou a ser uma forma segura de armazenamento e compartilhamento de informações para a organização social, econômica, política e religiosa (Higounet, 2003), favorecendo a existência dos primeiros estados complexos. A criação do Código de Hamurabi (século XVIII a.C.) exemplifica o papel organizador da escrita nas sociedades antigas. Por meio do registro escrito, foi possível estabelecer normas jurídicas, que estruturavam relações sociais, legitimavam o poder político e reduziam conflitos internos por meio da institucionalização da justiça (Higounet, 2003; Fischer, 2009).

A escrita também permitiu a perpetuação de tradições culturais e religiosas por meio de documentos sagrados, narrativas históricas, poemas épicos e tratados filosóficos, assegurando a memória coletiva das civilizações. Como afirma Chartier (1999), os textos escritos não existem de forma autônoma ou abstrata, mas estão sempre vinculados a suportes materiais (manuscritos, códices, livros impressos etc.) e a práticas sociais que envolvem sua produção, circulação e leitura. Para o autor, é por meio dessas práticas que a escrita adquire sentido, tornando-se um instrumento essencial na constituição da memória social.

Chartier (1999) observa que a preservação da memória coletiva está condicionada a formas específicas de fixação e transmissão do saber, definidas histórica e socialmente. Cada sociedade, ao definir os conteúdos que devem ser preservados e aqueles que podem ser deixados no esquecimento, estabelece critérios para a construção de sua memória coletiva, processo no qual a escrita atua como suporte da tradição e como meio de reorganização simbólica do passado (Chartier, 1999). Dessa forma, a escrita é responsável por garantir a continuidade cultural por meio da preservação e circulação de saberes historicamente situados.

Essa capacidade de organizar, fixar e legitimar também revela o papel da escrita como instrumento de poder. Dessa maneira, a escrita não se resume à função comunicativa, pois é também uma poderosa tecnologia de organização social. Como

observa Gnerre (2009), ela está profundamente entrelaçada à constituição de hierarquias sociais e à distribuição desigual do poder. O domínio da escrita nunca foi universal; ao contrário, sempre esteve restrito a determinados grupos, determinando quem tem acesso ao conhecimento e pode participar ativamente da política exercendo plenamente a cidadania.

A esse respeito, Ferreiro (2013) explica que os sistemas de escrita surgiram dentro de contextos de dominação. Sampson (1996) também vê forte associação entre escrita e religião:

Fica claro que fatores externos à estrutura linguística realmente desempenham um papel importante na adoção de determinadas escritas por diferentes comunidades. Assim, já se demonstrou que, em muitos casos, “a escrita segue a religião”, pois as religiões amiúde fundamentam-se em livros sagrados, e a propagação da cultura escrita foi, com frequência, função das autoridades religiosas; as fronteiras territoriais entre diferentes escritas frequentemente coincidem com as fronteiras entre as religiões, ou são por elas explicadas (Sampson, 1996, p. 12).

Nas primeiras cidades organizadas segundo lógicas políticas, jurídicas, econômicas e religiosas, a escrita não era uma ferramenta de expressão pessoal ou de democratização do saber, mas um instrumento a serviço do poder. Produzida por escribas, indivíduos com habilidades técnicas, porém subordinados, ela registrava aquilo que as autoridades desejavam preservar, controlar ou exibir. Nesse sentido, a escrita estava mais voltada à administração de impérios, à legitimação de líderes e à manutenção da ordem social.

A função simbólica da escrita pode ser ilustrada com clareza nas tumbas egípcias, onde os hieróglifos faziam parte de um ritual e reforçavam a imagem do soberano como figura sagrada e incontestável. Como explica Ferreiro (2013), essas inscrições não eram feitas para serem compreendidas pela população em geral, mas para impressionar e impor reverência.

A desigualdade no acesso à cultura escrita, como aponta Ferreiro (2013), não é acidental, mas um componente estrutural das sociedades letradas. Gnerre (2009) reforça esse argumento ao afirmar que a escrita está intrinsecamente vinculada à constituição de relações sociais hierárquicas, uma vez que seu domínio sempre foi concentrado em grupos sociais específicos, como instituições religiosas, autoridades de estado e elite letrada, que controlavam tanto o saber quanto os meios de sua circulação.

Sob a perspectiva de Agamben (2009), a escrita pode ser compreendida como um dispositivo, atuando diretamente na formação das subjetividades e na regulação das práticas sociais. Mais do que um meio técnico de comunicação e registro, ao ser apropriada por instituições e grupos de poder, a escrita se torna um instrumento de ordenamento social, sendo empregada na produção de normas, na organização de discursos e na administração de relações de poder.

Ao definir dispositivo como tudo aquilo que tem a capacidade de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” dos indivíduos (Agamben, 2009, p. 40), o autor amplia o escopo do conceito originalmente formulado por Foucault (1996), no conjunto de sua obra. Como explica Agamben (2009):

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (Agamben, 2009, p. 40-41).

O autor afirma que inúmeros elementos da cultura humana, incluindo a própria linguagem, operam como mecanismos de captura e regulação da experiência humana (Agamben, 2009). Nesse sentido, a escrita participa ativamente da constituição do pensamento, da linguagem e das formas de interação entre os indivíduos.

Se em Agamben (2009) a escrita pode ser entendida como um dispositivo que molda e controla os indivíduos, em Bakhtin (2006), ela pode ser considerada como uma prática social atravessada por ideologias. Cada texto carrega múltiplas vozes, refletindo embates entre posições sociais, valores e crenças, assim, diferentes grupos tentam afirmar seus modos de ver e organizar o mundo.

A atuação da escrita como dispositivo e como prática social pode ser observada em diferentes contextos históricos e institucionais. Um exemplo disso é a escrita efetuada por instituições religiosas da Idade Média. Nessa época, o domínio da leitura e da escrita era restrito ao clero e à nobreza, o que permitia a esses grupos o monopólio da informação. A Igreja usava a escrita para registrar dogmas, configurando um discurso único que moldava o comportamento e o pensamento da

população. Logo, a escrita operava como um dispositivo que disciplinava e padronizava, corroborando o entendimento de Agamben (2009).

Mesmo na atualidade, em documentos oficiais instituídos pelo governo, a escrita se torna o principal instrumento de registro, vigilância e controle. Certidões, cadastros, boletins e prontuários documentam fatos e produzem definições, como o “bom aluno”, o “réu primário”, o “infrator” etc. Nesses documentos, o que se escreve, ou o que deixa de ser escrito, passa a determinar o lugar que os sujeitos ocupam na sociedade.

Esses exemplos evidenciam que a escrita, como parte do conjunto de dispositivos indicados por Agamben (2009), afeta a forma como os indivíduos se constituem e se inserem na sociedade. Por sua vez, a teoria bakhtiniana permite compreender que a escrita se configura como um campo de disputas, em que diferentes vozes e interesses se cruzam, se anulam ou se fazem ouvir. Desse modo, a escrita é simultaneamente instrumento de dominação e possibilidade de resistência. Em resumo, ambas as perspectivas permitem reconhecer que a escrita não é neutra ou meramente técnica, mas é um instrumento de constituição da ordem social.

Catach (1996) lembra que a escrita não é um mero reflexo da oralidade, mas constitui um sistema autônomo, dotado de regras próprias, atravessado por dimensões sociais, políticas e históricas, o que torna a escrita um instrumento de poder e de regulação das práticas sociais. A padronização da língua escrita, portanto, vai além da esfera linguística, pois opera no campo comunicativo e consolida valores que refletem as relações de poder presentes na sociedade.

Compreender a escrita sob essa ótica permite reconhecer que seus modelos e práticas variam conforme o contexto, inclusive cultural e tecnológico. Essa abordagem oferece base teórica para interpretar os fenômenos contemporâneos da escrita digital como parte de um processo contínuo de transformação. Desse modo, os padrões ortográficos e as práticas letradas considerados normativos na atualidade devem ser entendidos como construções históricas, sujeitas às mudanças que acompanham as novas formas de comunicação mediadas pelas tecnologias digitais.

4.2 Língua Portuguesa: funcionamento das duas articulações

Os sistemas alfabéticos de escrita são baseados em sons, como ocorre com a Língua Portuguesa, idioma para o qual a pesquisa se direciona de forma mais específica, para compreender o funcionamento de outras línguas alfabéticas, que se estruturam sobre os mesmos princípios.

Um princípio, especialmente, é comum a todas as línguas: todo idioma constitui um sistema aberto, ou seja, o tempo todo podem ser introduzidas novas palavras, o tempo todo palavras são esquecidas. Isso ocorre porque as línguas estão intimamente ligadas aos movimentos e transformações sociais. Se um novo e inédito objeto é introduzido no mundo humano, como uma invenção, ele precisa ser nomeado, ou seja, um novo elemento verbal ingressa no sistema. Esse fenômeno não é específico de sistema algum, trata-se de um princípio geral, comum aos idiomas.

Em se tratando de línguas alfabéticas, como a Língua Portuguesa, muitos estudiosos deram grandes contribuições teóricas, sendo que alguns são especialmente importantes, pois apresentaram o funcionamento interno das línguas, tais como Ferdinand de Saussure (1857-1913) e André Martinet (1908-1999).

Saussure (1975), rompendo as investigações baseadas em estudos comparativos de gramáticas, inicia uma forma de estudar as línguas alfabéticas, destacando nelas o caráter arbitrário e estrutural. Com esta abordagem, Saussure (1975) coloca os estudos linguísticos dentro das teorias e dos métodos estruturalistas. O linguista desenvolve sua teoria considerando o aspecto conceitual e o aspecto material das línguas, percebendo pares dicotômicos como um princípio maior e fundamental nas línguas alfabéticas. As principais dicotomias de Saussure (1975) são: língua e fala, significante e significado, diacronia e sincronia, sintagma e paradigma. Tais oposições permitem verificações internas das estruturas linguísticas, revelando seu caráter lógico e econômico, possibilitado principalmente pela oposição entre sintagma e paradigma.

Martinet (1974), em perspectiva funcionalista, acrescenta mais elementos aos estudos linguísticos ao mostrar que a língua funciona a partir de duas articulações: a primeira é significativa, a segunda é distintiva. Sempre em relação ao sincrônico, Martinet (1974) amplia a compreensão de sintagma, indicada por Saussure (1975), mostrando que a primeira articulação, significativa, opera em uma esfera da fala, da compreensão comunicativa. Porém, para que esse nível de compreensão se

concretize, há um movimento anterior, na esfera da segunda articulação, a distintiva, a qual se caracteriza pela constituição dos fonemas, que se distinguem por traços mínimos; assim, uma mudança de intensidade na articulação distingue o fonema /f/ do fonema /v/. Na prática comunicativa, essa distinção resulta em palavras muito diferentes, que representam coisas muito diferentes: faca e vaca.

No Brasil, Joaquim Mattoso Camara Jr. aprofundou os estudos de Saussure (1975) e de Martinet (1974) direcionando suas pesquisas exclusivamente para a estrutura da Língua Portuguesa. Seu livro de referência tem o título *Estrutura da Língua Portuguesa* (1975). Essa obra foi fundamental nesta pesquisa, sendo que foram utilizadas duas edições: um livro físico, editado pela Vozes, 1989, e um livro digital⁹, da mesma editora, de 1999.

A abordagem de Camara Jr. (1989) dialoga tanto com as teorias estruturalistas de Saussure (1975), como com a teoria das duas articulações propostas por Martinet (1974), em um trabalho minucioso sobre a estrutura do idioma oficial do Brasil. A primeira e a segunda parte do livro são estudos que se baseiam na dupla articulação, destacando, em um dos capítulos a formação da estrutura em Língua Portuguesa. Sobre a segunda articulação, distintiva, ele afirma:

Os traços distintivos operam na camada sonora: Servem para distinguir numa língua dada uns sons vocais elementares dos outros. Com isso, cada fonema, ou seja, cada conjunto de certos traços distintivos, opõe entre si as formas da língua, que possuem em face de outras formas, que não o possuem, ou possuem em seu lugar outro fonema (Camara Jr., 1999, p. 33).

Quanto ao plano significativo, que é o plano perceptível ao falante, diz respeito aos segmentos compreensíveis da língua, como um /s/ no final da palavra menina altera o significado da palavra, pois compreende-se ser mais de uma menina. Camara Jr. (1999) explica que, na primeira articulação da língua, “o segmento fônico se associa a uma articulação léxica ou gramatical”. O plano significativo se organiza em sequências morfológicas que resultam em um tecido gramatical, seja oral ou escrito. O plano significativo é percebido em estruturas morfológicas e sintáticas da Língua Portuguesa: as estruturas morfológicas oferecem morfemas com significados diversos, oferecendo ao falante muitas possibilidades e recursos. A palavra “infelicidade” pode ser decomposta em morfemas muito significativos:

⁹ CAMARA JR, J. Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://conteudos.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/estrutura-da-lc3adngua-portuguesa-joaquim-mattoso.pdf> Acesso em: 22 set. 2025.

In-: prefixo de negação

Feliz-: radical (o/z/ torna-se /s/ (c) por questões de eufonia.

i-: vogal de ligação: também por questão de eufonia.

dade-: sufixo de estado, condição.

As línguas alfabéticas, com poucos recursos nas duas articulações, pelo fator combinação gramatical, são altamente flexíveis, confortáveis e econômicas. Na escrita, as sílabas estruturam-se em torno de uma vogal, mesmo quando determinadas consoantes não são pronunciadas. Sampson (1996) mostra que esse fenômeno acontece em línguas eslavas. Ferreiro (1996) observa que, nas fases iniciais da alfabetização, a criança demonstra sensibilidade à presença das vogais, destacando-as como elementos essenciais na composição das palavras, ainda que essa percepção seja intuitiva e não corresponda a um entendimento completo de sua função no sistema escrito.

Figura 9 - Alfabetização e percepção das vogais

F R i o (1)

A i o A (2)

A O A (3)

A A O (4)

A O E (5)

A O (6)

B i B (7)

B O B (8)

(1) Fran - cis - co

(Francisco)

(2) ma - ri - po - sa

(borboleta)

(3) pa - lo - ma

(pomba)

(4) pa - ja - ro

(pássaro)

(5) ga - to

(gato)

(6) pa - to

(pato)

(7) pez

(peixe)

(8) pez (2ª tentativa)

(peixe 2ª tentativa)

Fonte: Ferreiro (1996, p. 30).

A figura acima ilustra uma situação muito importante para os estudos do desenvolvimento da escrita: ela mostra que, para uma criança (ou adulto) em processo de alfabetização, os fonemas vocálicos são fortemente percebidos, pois são o centro das sílabas, átonas ou tônicas. Instigada a escrever a palavra “mariposa”, ela registra:

Figura 10 - Escrita silábica de “mariposa”

A i O A (2)

Fonte: Ferreiro (1996, p. 30)

Esse registro revela importantes indícios à professora (ou o professor) acerca do processo de aprendizagem da criança. Observa-se que a criança tende a reconhecer a importância das vogais na formação das palavras e inicia a construção de hipóteses sobre a forma gráfica das palavras, organizando-as conforme uma lógica própria. Tal produção indica um avanço no desenvolvimento da escrita, evidenciando que a criança começa a compreender certas regularidades do sistema alfabético, ainda que de modo não linear.

Esse raciocínio é importante para esta pesquisa, uma vez que permite estabelecer um paralelo entre diferentes formas de relação com o sistema escrito. Nas fases iniciais da alfabetização, observa-se que as vogais tendem a exercer papel central na construção das representações gráficas. Já em práticas de escrita digital, especialmente em mensagens trocadas por aplicativos como o *WhatsApp*, nota-se a recorrente supressão das vogais, conferindo maior destaque às consoantes como ocorre em várias palavras amplamente difundidas, como:

você: vc
 também: tbn
 privado: pvd
 tudo: td
 quando: qd
 qualquer: qq

Esse fenômeno não é novo, porém, com o advento da internet, o uso das consoantes ficou mais perceptível, indicando que, para o alfabetizado, os fonemas consonantais constituem referências importantes na escrita. A percepção da força das

consoantes também ganha espaço no mundo publicitário, como no *slogan* abaixo (Figura 11):

Figura 11 - Marca GNT



Fonte: Natelinha. GNT lança nova identidade visual. Disponível em:
<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/01/01/gnt-lanca-nova-identidade-visual-95292.php>

Um dos canais do maior grupo de comunicação do Brasil é Gente. No jogo publicitário, como identidade visual, as vogais foram retiradas, restando apenas GNT, cujo efeito foi tão popularizado que poucas pessoas associam as letras GNT à palavra “gente”.

Em síntese, os estudos apresentados evidenciam que a escrita é um sistema dinâmico e em constante transformação. A supressão de vogais em contextos digitais não deve ser compreendida como empobrecimento da língua, mas como uma estratégia funcional de economia e rapidez, sustentada pela compreensão compartilhada entre os interlocutores. Esses usos revelam uma forma específica de letramento, na qual o domínio da norma padrão convive com práticas que se adequam a diferentes contextos comunicativos. Assim, a escrita digital não se configura como erro, mas como manifestação legítima de sujeitos letrados que transitam entre distintos registros da linguagem. As implicações dessa prática serão discutidas em maior profundidade nas análises posteriores.

4.3 Estrutura escrita da Língua Portuguesa: entre normas e burlas

A comunicação ágil e informal, característica predominante das interações nos ambientes digitais, tem provocado transformações nas convenções ortográficas tradicionalmente estabelecidas. Essas mudanças manifestam-se, principalmente, pela supressão de letras, pelo uso de abreviações e pela substituição de letras por símbolos ou números. Diante desse cenário, é necessário discutir como a escrita da Língua Portuguesa se estrutura e de que forma as normas ortográficas, historicamente concebidas como fixas e estáveis, são ressignificadas no uso cotidiano. Compreender

o funcionamento do sistema da língua permite analisar os mecanismos que sustentam a escrita tradicional e, ao mesmo tempo, refletir criticamente sobre os novos usos que emergem do ambiente virtual.

A ortografia da Língua Portuguesa, de acordo com Bechara (2015, p. 93), “é o sistema de representação convencional de uma língua na sua vertente escrita”, baseada em critérios fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, etimológicos e culturais. Essa representação indica uma padronização da escrita, conferindo um caráter de permanência e regularidade, em detrimento à variação dos usos linguísticos nas interações do cotidiano. Ao longo do tempo, essa padronização tem sido promovida por instituições de ensino, que reforçam a ideia de uma escrita fixa e estável. Nesse sentido, a norma ortográfica se consolida como um conjunto de práticas legitimadas socialmente, sendo muitas vezes tratada como expressão única da “língua correta”.

Bechara (2015) propõe uma distinção fundamental entre dois níveis de funcionamento da língua: o sistema e a norma. O sistema diz respeito às diferenças essenciais (ou oposições) entre as unidades linguísticas que organizam o funcionamento da língua. Essas diferenças são chamadas de traços distintivos, ou seja, características mínimas que servem para diferenciar um termo de outro, evitando que sejam confundidos pelo falante ou ouvinte.

Para ilustrar isso, o linguista destaca os pronomes relativos “*que*” e o “*qual*”, que se distinguem funcionalmente de “*quem*” e “*cujo*”, pois cada um desses pronomes possui traços específicos e necessários para desempenhar seu papel em uma frase. Nesse caso, construções como “*Esses são os livros de que lhe falei*” são amplamente utilizadas e compreendidas pelos falantes; no entanto, a norma culta prescreve que se empregue preferencialmente “*Esses são os livros dos quais lhe falei*”, especialmente após preposições com mais de duas sílabas. Desse modo, apesar de ambas as construções (*de que* e *dos quais*) serem compreendidas, a norma culta estabelece restrições adicionais. Ao apontar esse fato, Bechara (2015) chama atenção para a tensão existente entre o sistema linguístico (que é funcional e pragmático) e a norma (que frequentemente é prescritiva e restritiva), revelando que nem sempre as escolhas ditadas pela norma correspondem à dinâmica real e prática da comunicação cotidiana.

A norma, portanto, refere-se ao uso que se consolidou como o “modo certo” de falar e escrever. Nas palavras do autor, ela contém “tudo o que na língua não é

funcional, mas que é tradicional, comum e constante” (Bechara, 2015, p. 44). Logo, dominar a norma exige uma aprendizagem contínua, pois vai além da simples compreensão funcional da língua, exigindo adequação a padrões definidos historicamente.

Dessa forma, pode-se observar um distanciamento entre sistema e norma sempre que uma inovação linguística, ainda que compreensível e estruturalmente possível, não encontra respaldo na tradição consagrada. Bechara (2015, p. 45) observa que isso ocorre quando a novidade criada “à luz do sistema” ainda não foi incorporada pela norma, razão pela qual não se encontra registrada nos dicionários e gramáticas.

Esse aspecto pode ser observado nos ambientes digitais, em que novos termos surgem, “zap” (abreviação popular de *WhatsApp*), ou “printar” (do inglês *print*, usado no sentido de capturar a tela), os quais são amplamente compreendidos e utilizados no cotidiano digital. Tais usos configuram o que se pode chamar de neologismos digitais, ou seja, palavras ou expressões que surgem a partir de novas necessidades comunicativas.

Embora essas formas não estejam registradas na gramática normativa ou nos dicionários tradicionais, elas estão presentes na escrita digital informal; essas formas e usos não comprometem a comunicação, tendo em vista que são interpretadas com clareza pelos interlocutores e cumprem função comunicativa. Esse tipo de situação reforça o contraste entre criatividade linguística e prescrição normativa.

Chega-se então a duas situações específicas, tratadas como fenômenos observáveis, tomados nesta pesquisa como objetos: o primeiro é a integração de signos não verbais a um contexto de signos verbais; o segundo fenômeno é a escrita de muitas palavras (sem que isso seja padrão, mas é muito frequente) sem vogais.

A permanência de mecanismos de padronização da escrita, especialmente no que diz respeito as normas ortográficas, revela que, apesar das inovações decorrentes dos ambientes digitais, subsiste uma lógica de regulação e distinção que estrutura o campo simbólico da linguagem. A fixação das normas garante certa uniformidade entre os usuários, mas também estabelece fronteiras. Assim, a ortografia opera como elemento de controle e de hierarquização, reafirmando o poder de uma tradição escrita que valoriza o domínio técnico em detrimento à diversidade. Essa perspectiva, analisada por Gnerre (2009) e Ferreiro (2013), suscita uma reflexão crítica sobre a tensão entre o valor social atribuído à norma e o direito à pluralidade

expressiva que caracteriza a linguagem viva. Nesse ponto, cabe ao pesquisador reconhecer que a escrita digital, ao mesmo tempo em que desafia as hierarquias instituídas, evidencia o quanto o poder simbólico da norma ainda se impõe como critério de legitimação da escrita.

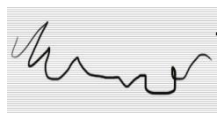
4.4 Hipóteses sobre a escrita: das garatujas aos textos

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985), a aprendizagem da escrita não ocorre de maneira passiva ou mecânica, mas resulta de um processo ativo de construção de conhecimento. Durante os estágios iniciais da alfabetização, as crianças muitas vezes produzem registros que não seguem os padrões ortográficos convencionais, mas que revelam hipóteses próprias sobre a linguagem escrita e suas regras de funcionamento.

Esse processo evolui por diferentes níveis de compreensão. Inicialmente, a criança não estabelece relação entre a escrita e a fala, produzindo garatujas, traços ou letras aleatórias sem vínculo com os sons da língua, passando por estágios em que tenta estabelecer correspondências sonoras com grafias, até alcançar a compreensão do princípio alfabético, em que cada letra ou grupo de letras corresponde a um som específico (Ferreiro; Teberosky, 1985).

O Quadro 1 demonstra os estágios de aquisição da escrita. O processo se desenvolve, dentro do tempo de cada aprendiz e dentro de uma lógica que envolve compreensão, estímulos e tentativas. É importante ressaltar que apesar de o processo ser observado em todas as crianças, ele não ocorre com todas ao mesmo tempo, visto que cada criança, cada aprendiz possui seu próprio tempo de aprendizagem.

Quadro 1 - Estágios do desenvolvimento da escrita, segundo Ferreiro e Teberosky

| Nível | Características principais | Exemplo prático |
|------------------------|--|---|
| Pré-silábico I | Uso de garatujas ou letras sem critério; não reconhece relação entre fala e escrita. |  ¹⁰ |
| Pré-silábico II | Usa letras reais, mas ainda sem correspondência com sons; preocupação com quantidade de letras e a variedade | OBTMN = coelho |

¹⁰ Disponível em: <https://saberespraticas.cenpec.org.br/>

| Nível | Características principais | Exemplo prático |
|----------------------------|--|------------------------|
| Silábico | Cada letra representa uma sílaba da palavra falada. | AO = sapo (sa/po) |
| Silábico/alfabético | Alterna entre correspondências silábicas e fonéticas. | CSA = casa |
| Alfabético | Compreende a correspondência fonema-grafema; escrita próxima à convencional. | CAZA = casa |

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985).

Olson (1997) reforça essa perspectiva ao afirmar que, nos estágios iniciais, a escrita é percebida como um sistema emblemático, isto é, os signos representam diretamente objetos ou ideias, sem que haja consciência de que se trata de um sistema linguístico abstrato. Ele compara a percepção das crianças que estão começando a aprender a escrever com as sociedades que utilizavam sistemas mnemônicos rudimentares (como os *quipus*), os quais tendem a não distinguir entre o nome e a coisa nomeada, ou entre o símbolo gráfico e a palavra. Nesse sentido, ainda não há uma compreensão de que as palavras são unidades linguísticas passíveis de segmentação e recombinação. Essa discussão permite ampliar o olhar sobre os níveis pré-silábicos propostos por Ferreiro e Teberosky (1985), entendendo-os como manifestações de uma cognição simbólica em processo de transição para a consciência linguística plena.

Importante destacar que a progressão desses níveis não ocorre de forma linear ou uniforme. As crianças podem transitar entre diferentes estágios, conforme o contexto de produção textual, o tipo de palavra trabalhada, os estímulos do meio e o tipo de mediação pedagógica recebida. Nessa perspectiva, o erro não deve ser interpretado como falha, mas como parte do processo de aprendizagem. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 136) enfatizam que “a criança precisa ver sentido naquilo que escreve. A função social da escrita precede, e muito, o seu domínio formal”, o que reforça a ideia de que a aprendizagem da escrita está intrinsecamente ligada ao contexto de uso e à significação atribuída pela criança à linguagem escrita. Essa concepção rompe com abordagens tradicionais e normativas da alfabetização, valorizando o percurso de cada sujeito na construção do conhecimento sobre a escrita.

A relevância dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) está no reconhecimento de que a escrita não pode ser reduzida a um simples código gráfico a ser decodificado mecanicamente. Ao contrário, trata-se de um sistema simbólico complexo, cuja aprendizagem envolve a construção ativa de sentido e se dá em interação com o contexto sociocultural em que a criança está inserida. Essa concepção rompe com visões tradicionalmente centradas na memorização de regras e na aquisição de habilidades técnicas, ao compreender que o domínio da escrita pressupõe não apenas o conhecimento do código, mas, sobretudo, a inserção em práticas sociais de leitura e escrita.

Nessa mesma direção, Kleiman (1995) e Soares (2004) defendem uma abordagem que compreende a escrita como prática situada e socialmente construída. Para Kleiman, a escrita é uma prática situada, isto é, produzida e interpretada a partir das demandas e significados dos contextos em que circula. Soares (2004), por sua vez, defende que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas possibilitar o acesso às múltiplas formas de letramento.

Esse entendimento permite traçar um paralelo com as práticas digitais, nas quais os usuários, ao interagirem com as possibilidades expressivas da tecnologia, ressignificam a escrita de modo criativo e funcional.

A partir desse ponto de vista, pode-se inferir que, em certos contextos digitais, mesmo usuários plenamente alfabetizados podem adotar estratégias similares ao processo de aquisição da linguagem infantil. As autoras afirmam que a criança:

[...] procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto mas sim criação original) (Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 22).

A escrita híbrida, com supressões, *emojis*, abreviações ou caracteres diversos, ainda que marginalizada pelos parâmetros da norma culta, exige dos interlocutores a capacidade de decodificação e contextualização. Isso reforça a ideia de que a linguagem escrita não é estática, mas encontra-se em constante transformação, acompanhando as mudanças nos modos de vida, nas tecnologias de comunicação e nas formas de interação social.

5 CULTURA DIGITAL E ESCRITA: RENOVAÇÕES E CONTINUIDADES

A definição de cultura é complexa, pois abrange tanto aspectos intangíveis, como opiniões, ideias e valores, quanto elementos tangíveis, como objetos e tecnologias, que dão suporte a esses conteúdos, conforme nos esclarece Giddens (1991). De acordo com Castells (2003), trata-se de uma construção coletiva que vai além das escolhas individuais, ao mesmo tempo em que orienta as práticas sociais.

No âmbito da cultura digital, esses conceitos convergem e as tecnologias passam a redefinir as dinâmicas culturais ao integrar o físico e o virtual. As interações passam a ocorrer em redes digitais, instaurando novas formas de comunicação caracterizadas pela instantaneidade, conectividade e ubiquidade. Nesse ambiente, a circulação de informações em tempo real contribui para a diluição das fronteiras entre o local e o global. Santaella (2007, p. 25) complementa que essa configuração desencadeia mudanças até mesmo na concepção que temos a respeito do “tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir; reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam”.

Em sua obra *Neo-Humano: A Sétima Revolução Cognitiva do Sapiens*, Santaella (2022) aprofunda essa discussão ao argumentar que vivemos um novo salto cognitivo: a cultura dos dados, marcada pelos processos de dataficação e plataformização. A dataficação, conforme Santaella e Kaufman (2021), consiste na transformação de praticamente todos os aspectos da vida em dados mensuráveis, que possibilitam sua análise e comparação. Em outras palavras, trata-se, da transformação de atividades cotidianas em informações. Não se trata apenas de registrar informações, mas de integrá-las a sistemas capazes de processar, correlacionar e prever comportamentos. A plataformização, por sua vez, refere-se ao processo pelo qual as plataformas digitais se tornam mediadoras das interações sociais, organizando a produção, a circulação e o consumo de informações, influenciando, conseqüentemente, nos comportamentos e modos de vida na sociedade.

Nesse contexto, os indivíduos têm suas experiências cognitivas, afetivas e sua comunicação moldadas por algoritmos capazes de influenciar padrões de consumo, engajamento e até mesmo estilos de linguagem. Essa contextualização acerca da

cultura digital fornece a base para compreender a escrita nas redes sociais e como elas influenciam a escrita.

5.1 Redes sociais e plataformas digitais: influências na escrita

Segundo o relatório Digital 2024: Brasil (DataReportal, 2024), o país contabilizou 181,8 milhões de usuários de internet (85,4% da população), dos quais 144 milhões são usuários ativos de redes sociais, representando cerca de 67% da população brasileira. Ainda em 2024, o Brasil ocupava a terceira posição mundial em tempo médio diário gasto em redes sociais, ficando atrás apenas das Filipinas e da Colômbia. Esses dados evidenciam o quanto as redes sociais estão inseridas no cotidiano da população e reforçam a legitimidade desses espaços como campo de observação privilegiado das práticas linguísticas emergentes e das transformações nos modos de escrever.

O *Instagram* consolidou-se como uma das redes sociais mais influentes no Brasil, registrando aproximadamente 134,6 milhões de usuários em 2024, o que corresponde a cerca de 62 % da população total e 71,6 % dos internautas brasileiros (DataReportal, 2024). Com foco no compartilhamento de imagens e vídeos, o *Instagram* oferece formatos distintos de publicação: *feed*, *stories* e *reels*¹¹. A plataforma permite a personalização de conteúdo por meio de filtros, efeitos visuais, figurinhas e recursos interativos. A estrutura da plataforma promove a construção de narrativas visuais atrativas, com legendas concisas, moldadas à lógica do consumo rápido de informações.

O *Instagram* atualmente permite legendas com mais de 7.000 caracteres por postagem, conforme verificado por meio de teste prático realizado durante o desenvolvimento desta pesquisa, já que esta informação não é divulgada no site oficial do desenvolvedor. Apesar dessa ampliação do espaço textual, o destaque da plataforma é a comunicação imagética, sendo o texto comumente utilizado como complemento estratégico ao conteúdo visual. O uso de *hashtags* (#), *emojis* e frases curtas evidencia uma tendência na escrita digital.

¹¹ *Feed*: seção principal onde são exibidas postagens permanentes em forma de fotos ou vídeos, usadas para compartilhar e conectar-se com pessoas e temas de interesse; *Stories*: conteúdos visuais com duração de 24 horas; *Reels*: vídeos editáveis de no máximo 3 minutos, com opção de edição criativa (inserção de música, efeitos e narração), inspirados no formato de vídeos da plataforma *TikTok* (Disponível em: <https://help.Instagram.com>. Acesso em: 23 ago. 2025).

Em contrapartida, o *Threads*, lançado pela Meta em julho de 2023, opera como uma extensão do *Instagram*, exigindo vínculo direto entre as contas. Com limite de até 500 caracteres por postagem, a plataforma se volta à promoção do texto como núcleo da interação, ainda que também permita o compartilhamento de imagens, vídeos (de até cinco minutos) e carrosséis. A presença de funcionalidades como enquetes e menções sugere uma estrutura mais voltada para a conversação (Meta, s/d).

O *Facebook*, por sua vez, apesar de ter perdido protagonismo nos últimos anos, ainda mantém relevância no cenário brasileiro, com aproximadamente 111,3 milhões de usuários ativos em 2024. Sua estrutura favorece postagens mais extensas, com possibilidade de inserção de *links*, vídeos e imagens, além de comentários e reações como o tradicional “curtir”, ou outras que empregam recursos como *gifs*, *avatars*, *stickers* e figurinhas. O formato dessa plataforma estimula estilos de escrita mais discursivos e reflexivos, interações comunitárias e narrativas pessoais mais elaboradas.

O X (anteriormente *Twitter*) caracteriza-se por postagens, também denominadas *tweets*, normalmente de curta extensão, com circulação ágil de informações e engajamento com temas em evidência, impulsionados pelos *trending topics*¹². Tal estrutura favorece uma escrita performativa, muitas vezes marcada por frases de impacto e reações rápidas, alinhando-se a uma lógica de visibilidade efêmera e viralização de conteúdo.

O imediatismo das redes sociais, assim como os aplicativos de mensagens, provoca uma transformação contínua do gesto de escrever. O escritor digital constrói sua identidade pelo que produz e pela forma como responde e se adapta a cada *feedback*, seja por meio de curtidas, comentários e repostagens, num ciclo de construção e reconstrução de sentido. Nesse cenário, cada interação é absorvida pelas plataformas, transformada em dado e processada por algoritmos que definem sua relevância e alcance, moldando de maneira invisível o formato, o estilo e a visibilidade dos textos, conforme aponta Santaella (2022).

Essa realidade alinha-se ao entendimento de Han (2022), para quem, na era dos algoritmos, “as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo

¹² O termo pode ser traduzido como “assuntos do momento”, que são assuntos populares identificados por um algoritmo, com base nos interesses do usuário e em sua localização (Disponível em: <https://help.x.com/pt/using-x/x-trending-faqs>. Acesso em: 24 ago. 2025).

permanente, informações” (Han, 2022, p. 33). A visibilidade se torna essencial, à medida em que os usuários buscam reconhecimento e validação social por meio das curtidas, comentários e compartilhamentos (Han, 2022).

As redes sociais, com sua capacidade de conectar pessoas e transmitir informações em tempo real, exige uma escrita impactante e que se destaque em meio a um mundo de informações. Essa nova configuração, transforma profundamente a linguagem, que se adapta às demandas e às possibilidades da era digital. A linguagem escrita tradicional é constantemente ressignificada, incorporando elementos multimodais e explorando novas formas de interação e expressão. Na seção a seguir, essa discussão é aprofundada, visando compreender como a escrita é moldada pela cultura digital.

5.2 Características e dinâmicas da escrita digital

Das tábuas de argila ao papiro e ao pergaminho, passando pela prensa tipográfica que revolucionou a circulação do conhecimento, até alcançar as interfaces digitais de computadores e *smartphones*, delinea-se um movimento que transita do suporte físico ao virtual. Fischer (2009) contribui para essa compreensão ao argumentar que a escrita, em sua origem, foi construída como resposta a necessidades comunicativas específicas de diferentes grupos humanos, assumindo formas diversas ao longo do tempo. A trajetória histórica revela que a escrita sempre operou em estreita relação com os suportes técnicos disponíveis, ajustando-se a cada contexto material e cultural.

No atual cenário, observa-se uma convivência entre o texto impresso e o digital, o que Sampaio (2009, p. 247) denomina “duplo universo gráfico”. A coexistência entre elementos tradicionais e recursos inovadores na escrita digital revela seu caráter híbrido, refletindo a capacidade da linguagem de se adaptar continuamente às mudanças tecnológicas e socioculturais. Nesse sentido, Marcuschi (2008) destaca a fluidez dos gêneros digitais, enfatizando sua flexibilidade e constante transformação diante das novas dinâmicas comunicacionais impostas pelos ambientes digitais.

Entre as principais características da escrita digital, destacam-se a velocidade na circulação de informações, a concisão exigida pelos formatos breves (como *tweets* e mensagens instantâneas), a adaptabilidade aos diferentes contextos comunicativos

e, sobretudo, a presença de elementos, como *emojis*, *GIFs*, memes, vídeos curtos, *hiperlinks* e outros recursos visuais e interativos que se integram à escrita, atribuindo-lhe novos sentidos e ampliando suas possibilidades expressivas. Assim, a escrita digital deixa de ser predominantemente alfabética e passa a operar como um sistema multimodal, no qual diferentes linguagens (verbal, visual, sonora) coexistem e se complementam.

Outro aspecto relevante é o ressurgimento da lógica pictográfica no ambiente digital. A popularização dos *emojis* e ícones visuais resgata, sob novas condições técnicas e culturais, a função ancestral das imagens como mediadoras da comunicação. Esses elementos, muitas vezes utilizados para expressar emoções ou representar ações, conferem à escrita digital uma dimensão mais imediata e afetiva, contribuindo para uma comunicação mais contextualizada.

5.2.1 A integração de signos não verbais em contextos verbais

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995), Bakhtin ressalta o uso de signos não verbais e signos verbais na complexa comunicação humana. Apesar de indicar a palavras (signo verbal) como o mais poderoso e eficiente signo da comunicação humana, o pensador russo ressalta que há grande força nos signos não verbais, que se manifestam em objetos logos, bandeiras e outros. Alguns se projetam para esferas ideológicas, como aconteceu com a cruz de Cristo, signo não verbal da cristandade.

Segundo Santaella (2018), os ícones são signos que representam seus objetos por semelhança, como é o caso dos *emojis* que reproduzem expressões faciais. Os índices, por sua vez, apontam para algo que está diretamente ligado ao objeto no mundo real, como uma consequência ou evidência. Notificações de curtidas, comentários ou compartilhamentos são exemplos de índices no ambiente digital, pois resultam de ações concretas realizadas por outros usuários. Se uma publicação no *Instagram* recebe várias curtidas, essas curtidas não representam visualmente os usuários nem descrevem o conteúdo, mas funcionam como índices da reação do público. Cada notificação é um efeito direto de uma ação humana real, pois alguém, em algum momento, apertou o botão "curtir".

Os símbolos se fundamentam em uma espécie de acordo social que vincula determinada forma a determinado significado, assim como as palavras, ou seja, não

há semelhança visual, como no ícone, nem conexão direta, como no índice. O *emoji* de foguete, amplamente utilizado em redes sociais, é um exemplo de símbolo.

Figura 12: *Emoji* Foguete



Fonte: Meta (2025)

Embora o desenho remeta a um foguete real, seu significado na comunicação digital não tem relação direta com veículos espaciais. Em ambientes de interação virtual, esse símbolo é usado com frequência para representar crescimento, sucesso ou superação de obstáculos. Esse uso não é intuitivo, ele precisa ser aprendido pelos membros da comunidade digital. Quem não está familiarizado com esse uso talvez interprete o *emoji* de forma literal (como apenas um foguete). No entanto, para quem compartilha a convenção, o foguete é lido como um símbolo de progresso e vitória.

Essa tipologia é especialmente útil para analisar como os signos visuais atuam na esfera digital: ora pela semelhança (ícone), ora pela associação contextual (índice), ora por convenção cultural (símbolo), muitas vezes mesclando essas dimensões em um mesmo uso comunicativo, possibilitando evidenciar nuances de entonação, intenção e emoção que a linguagem oral transmite com maior naturalidade do que a escrita.

Outro *emoji* muito popular é o que tem a "carinha feliz". O uso frequente desse *emoji* exemplifica como elementos visuais tornaram-se constitutivos da escrita digital.

Figura 13 - *Emoji* feliz



Fonte: Meta (2025)

Esse pequeno símbolo visual que deriva de expressões faciais tem a função de comunicar estados afetivos e regular o tom da mensagem, prevenindo até mesmo possíveis ambiguidades que possam ocorrer na comunicação escrita. Por exemplo, a frase "Entendi sua opinião" pode soar como desinteresse ou desacordo. Ao

acrescentar o *emoji*, “Entendi sua opinião 😊” o tom é suavizado, podendo ser entendido como uma aceitação respeitosa.

Ao aprofundar a análise do uso de *emojis*, observa-se uma camada mais profunda no funcionamento desses recursos que frequentemente abrangem estruturas mais complexas, equivalentes a enunciados inteiros. No exemplo citado (Entendi sua opinião 😊), o *emoji* não representa apenas o estado emocional do emissor. Ele incorpora, de forma condensada, uma série de pressupostos discursivos que poderiam ser desdobrados em estruturas frasais, como: “Estou de acordo com você”, “Não há problema” “Fico feliz que tenha compartilhado isso” ou até mesmo “Tudo certo”. Ou seja, o símbolo visual atua como marcador de uma atitude ou posicionamento frente ao conteúdo verbal.

Dessa forma, os *emojis* não operam apenas no nível léxico, como se substituíssem um substantivo ou um adjetivo, mas proporcionam interpretações mais amplas, ancoradas no contexto e nas relações entre os interlocutores. Esse uso se aproxima daquilo que a gramática descreve como estruturas elípticas, nas quais certos termos ou expressões são suprimidos por estarem subentendidos na situação comunicativa. Conforme explica Bechara (2015), essa omissão ocorre quando o termo ausente pode ser facilmente inferido por já ter sido mencionado anteriormente, por ser habitual naquele ponto da estrutura frasal ou por estar sugerido pela situação comunicativa. No caso dos *emojis*, especialmente no ambiente digital, essa elipse se dá não apenas a partir do conteúdo linguístico, mas também por meio da interpretação compartilhada de elementos visuais. O *emoji* “feliz”, por exemplo, pode funcionar como uma forma de elipse multimodal, cujo sentido pleno é construído pela interação entre texto, imagem e contexto.

Na escrita tradicional, a transmissão de emoções depende do uso de adjetivos, pontuação e de um contexto bem elaborado. Já no ambiente digital, o *emoji* “feliz” é capaz de transmitir de forma imediata e visual sentimentos como cordialidade, empatia, acolhimento ou satisfação. Para além de um simples adorno, esse tipo de recurso demonstra a complexidade da comunicação digital, em que os limites entre escrita, imagem e fala se diluem.

Outro exemplo que ilustra essa complexidade e o potencial semiótico da escrita digital é o uso do *emoji* de pêssigo (Figura 14). Embora seu significado original seja apenas o de uma fruta, nas interações digitais esse símbolo adquiriu uma carga

polissêmica. Seu emprego varia conforme o contexto, revelando como a comunicação mediada por tecnologia opera com signos que extrapolam seus significados literais.

Figura 14 - *Emoji* pêssigo



Fonte: Meta (2025)

Com uma forma arredondada, coloração que remete a um tom de pele e uma fenda central, o *emoji* de pêssigo é muitas vezes ressignificado nas interações digitais. Embora sua representação gráfica remeta, a princípio, apenas ao fruto, esse símbolo visual é associado com frequência à região glútea do corpo humano. Dessa forma, tornou-se um recurso recorrente para expressar corporalidade de maneira indireta, especialmente quando há necessidade de contornar filtros e mecanismos de censura nas redes sociais. Esse uso pode ser observado na publicação feita no *Facebook* (Figura 15), na qual o *emoji* integra uma construção híbrida, que articula texto, imagem e vídeo.

Figura 15: Pêssigo = Glúteo

A mulher que aprendeu esse segredo desenvolveu mais coxas e glúteos

40% 60%

60% 40%

3 d · 🎵 Rihanna · 🌐

AGACHAMENTO SUMO OU LEVANTAMENTO SUMO? 🍑

A diferença pode estar exatamente onde você sente o treino!

O AGACHAMENTO SUMO solicita mais o quadríceps 🦵 e menos o glúteo. Já o LEVANTAMENTO SUMO trabalha mais os glúteos 🍑 e exige mais mobilidade ⚙️.

Saber disso muda TUDO na hora de montar seu treino!
Se o foco é glúteo, você já sabe qual escolher!

👉 SEGUIE o [nome] pra treinar com estratégia e resultado! ✅

#dicadetreino #emagrecimento #personalonline #treinofeminino #bumbumanuca

20 5 mil visualizações

Curtir Compartilhar

Fonte: Facebook (2025)

Exemplos como esse demonstram que esses recursos não representam necessariamente um empobrecimento da linguagem, mas reforçam a expressividade dando destaque a sentidos e emoções, respondendo às exigências de velocidade, informalidade e impacto comunicacional que caracterizam as interações digitais.

Essa permanência da lógica pictográfica, agora reconfigurada nos meios digitais, encontra eco em outras manifestações cotidianas. Sampaio (2009) exemplifica esse fenômeno ao destacar como a escrita pictográfica ainda se faz presente na sinalização de espaços públicos, onde cumpre a função de transmitir informações objetivas de forma direta e acessível. Símbolos que indicam entradas, saídas, normas de conduta ou alertas visuais são exemplos da persistência de sistemas gráficos anteriores à escrita alfabética, agora mobilizados por sua eficiência comunicativa. Essa continuidade evidencia a capacidade da linguagem visual de se manter funcional e relevante em diferentes contextos históricos e tecnológicos.

Figura 16 - Placa de sinalização de trânsito



Fonte: Pinterest (2025)

A figura acima (Figura 16) demonstra uma placa que indica um local de passagem de pedestre. Esse tipo de símbolo mostra que a escrita, mesmo em sua forma não verbal, desempenha um papel fundamental na organização da vida social, especialmente quando a comunicação exige rapidez e universalidade de compreensão. Mesmo sem recorrer a palavras, a imagem comunica uma ação esperada: o cuidado com a travessia.

Do ponto de vista histórico, a figura se alinha ao que Fischer (2009) classifica como sistemas de representação anteriores à escrita alfabética, como os pictogramas, cuja função era justamente representar objetos ou ações por meio de imagens simples e reconhecíveis. Essas formas gráficas são utilizadas hoje em contextos urbanos, como sinalizações de trânsito, validando sua eficácia comunicativa em ambientes sociais cotidianos, organizando o convívio em coletividade.

No campo de estudos sobre as relações entre tecnologia, linguagem e educação, Lúcia Santaella fornece uma perspectiva ampla sobre essa temática. A

autora argumenta que a velocidade de transmissão e consumo de informações, característica marcante da era digital, exerce influência direta nas interações humanas. Essa aceleração promove a expansão das possibilidades comunicativas, ao mesmo tempo em que modela as práticas de escrita (Santaella, 2013). Assim, nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens é cada vez mais comum o uso de abreviações, substituições e simplificações estruturais, que refletem a necessidade de adaptação à dinâmica de uma sociedade conectada e acelerada.

Para Santaella (2022), “Se o cérebro biológico permaneceu biologicamente estável, a fragilidade de sua natureza em termos de escalabilidade e permanência foi sendo, em ritmo acelerado, compensada por extensões de memória coletiva extrassomática”. Esse argumento reforça a ideia de que os aparatos tecnológicos não são apenas ferramentas utilitárias, mas verdadeiras extensões da cognição humana, capazes de armazenar, acessar e processar informações em volume e velocidade muito superiores à capacidade biológica natural. Isso demonstra uma mudança na relação entre o humano e o saber, mediada por dispositivos digitais que funcionam como suporte para a memória coletiva, o aprendizado contínuo e a interação social.

Essas mudanças geradas pelas inovações tecnológicas remetem à definição de McLuhan (2009) sobre os meios de comunicação como extensão da capacidade humana. Para ele, cada avanço tecnológico não apenas altera as formas de comunicação, mas também influencia os processos cognitivos, moldando a percepção da realidade e as estruturas sociais e culturais. Embora suas considerações tenham se pautado nos dispositivos eletrônicos de sua época, como o rádio e o televisor, seu ponto de vista é pertinente para o contexto atual.

O *smartphone*, por exemplo, combina diversas funções, como: câmera, agenda e aplicativos para atender uma variedade de situações, integrando práticas antes fragmentadas em uma única ferramenta que se torna cada vez mais inseparável do homem. Tal integração não apenas transforma a maneira como nos comunicamos, mas também redefine os conceitos tradicionais de tempo e espaço. Aplicativos de mensagens e redes sociais possibilitam diálogos instantâneos, rompendo barreiras geográficas e temporais e oferecendo novas formas de vivência e interação. Ao mesmo tempo, o acesso à informação foi ampliado. Uma pesquisa que antes poderia demandar horas em uma biblioteca, agora pode ser obtida a partir de alguns toques em uma tela.

5.2.2 A prensa, a prática e as consoantes no ambiente digital

Embora muitas transformações possam ser interpretadas como rupturas em relação a modelos anteriores, elas também retomam práticas ancestrais de economia linguística, como o uso de abreviaturas. Como explica Ferreiro (2013), as abreviações não são uma invenção recente dos jovens em ambientes digitais. Segundo a autora:

[..] colocar algumas letras no lugar de uma palavra completa é uma prática muito antiga. Os historiadores nos informam de que, desde o início do século II anterior à nossa era, as inscrições latinas apresentam uso abundante de abreviaturas (Ferreiro, 2013, p. 432).

Trata-se uma continuidade histórica, que permite renovações e invenções, evidenciando as práticas de abreviação atuais, assim como a inserção de imagens na escrita digital não representam uma ruptura total, mas uma atualização de estratégias linguísticas que já foram utilizadas em algum momento. A respeito das abreviações, Ferreiro (2013) argumenta: “não tem todas as letras, mas se pode ler”. A compreensão dessas formas de escrita é proporcionada pelo pertencimento do indivíduo a uma comunidade que compartilha dos mesmos códigos, permitindo que a interpretação do não escrito ocorra de maneira eficiente. Esse tipo de interação pode ser observada com frequência nas redes sociais, especialmente entre os mais jovens, que brincam com os signos ao comunicarem entre si, sendo seus interlocutores membros da mesma comunidade, enquanto os adultos, muitas vezes, são vistos como “extracomunitários” (Ferreiro, 2013, p. 433).

Figura 17 – Cru3ld4de



Fonte: Instagram (2025)

A imagem tem formato típico de campanha de denúncia ou mobilização nas redes sociais, com forte carga emocional e linguagem direta. A postagem é marcada pela mistura entre linguagem formal e a escrita própria da internet. O conteúdo é construído para provocar impacto, promover a reflexão e instigar a participação ativa do público. No que tange ao descolamento da norma padrão, verifica-se a substituição gráfica de algumas letras por números, como em “CRU3LD4DE”, em que a letra “E” é substituída por “3”, e letra “A” é substituída pelo número “4”. No termo “at4c4r”, por sua vez, verifica-se duas ocorrências em que a letra “A” é substituída pelo número “4”.

Esse tipo de substituição conhecido como *algospeak*, conforme explicitado por Jaques (2025) é um fenômeno linguístico que emergiu nos ambientes virtuais como uma forma de evitar o bloqueio dos conteúdos pelos algoritmos de moderação adotados por plataformas digitais. Não se trata de um recurso inovador, semelhantes situações já ocorreram, como o texto abaixo de origem incerta, que circulou no auge da popularidade dos *e-mails*:

3M UM D14 D3 V3R40, 3574V4 N4 PR414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NC45
8R1NC4ND0 N4 4R314. 3L45 7R484LH4V4M MU170 C0N57RU1ND0 UM
C4573L0 D3 4R314, C0M 70RR35, P4554R3L45 3 P4554G3NS 1N73RN45.

QU4ND0 3575V4M QU453 4C484ND0, V310 UM4 0ND4 3 D357RU1U
7UD0, R3DU21ND0 0 C4573L0 4 UM M0N73 D3 4R314 3 35PUM4.

4CH31 QU3, D3P015 D3 74N70 35F0RC0 3 CU1D4D0, 45 CR14NC45
C41R14M N0 CH0R0, M45 3L45 C0RR3R4M P3L4 PR414, FUG1ND0 D4
4GU4, R1ND0 D3 M405 D4D45 3 C0M3Ç4R4M 4 C0N57RU1R 0U7R0
C4573L0¹³.

Ainda que se saiba que a leitura desse texto é possível pelo uso de recursos muito simples, letras maiúsculas, números e ordem sintática direta, na prática, ele não convence como uma possibilidade de escrita, pois combina de forma muito complexa dois sistemas distintos. Ele apenas prova que o cérebro é capaz de “ler” um texto construído com codificação entre letras e números.

Todavia, em ambientes sociais, esse tipo de recurso é utilizado como forma de atrair a atenção do outro, mas sem exageros. Mais que uma manifestação das redes sociais, o *algospeak* revela aspectos profundos da relação entre linguagem,

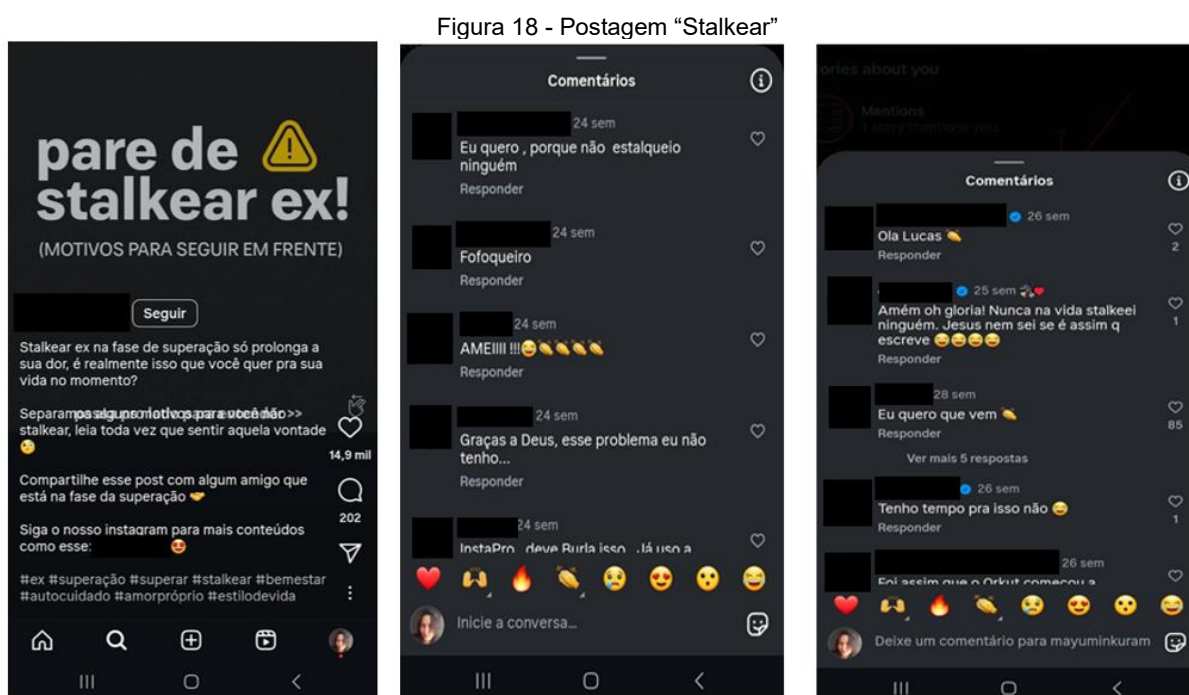
¹³ Em um dia de verão, estava na praia, observando duas crianças brincando na areia. Elas trabalhavam muito construindo um castelo de areia, com torres, passarelas e passagens internas./ Quando estavam quase acabando, veio uma onda e destruiu tudo, reduzindo o castelo a um monte de areia e espuma./ Achei que, depois de tanto esforço, as crianças cairiam no choro, mas elas correram pela praia, fugindo da água, rindo de mãos dadas e começaram a construir outro castelo.

Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/joaquimhaickel/2008/09/17/se-voce-conseguir-ler-as-primeiras-palavras-seu-cerebro-decifrou-automaticamente-as-outras/> Acesso em: 31 out.2025.

tecnologia e poder. Ao analisá-lo, compreende-se que a escrita não desaparece na era digital, mas adquire outras formas, adaptando-se criativamente às limitações e possibilidades dos ambientes digitais. Trata-se de uma reinvenção constante, que demonstra como os sujeitos apropriam-se dos meios disponíveis para continuar dizendo, resistindo e comunicando, mesmo sob novas regras e mediações.

Na campanha, essa escolha reforça o caráter espetacular do conteúdo, fazendo com que a linguagem escrita atue como elemento estético. A brevidade do texto também merece destaque. Expressões como “Crueldade sem limites” remetem a um contexto de indignação e urgência em poucas palavras, facilitando a compreensão rápida e o compartilhamento. Nas redes digitais, onde a atenção é disputada intensamente, mensagens curtas e de alto apelo emocional tendem a propagar-se com mais eficiência.

A figura a seguir evidencia o uso do termo “*stalkear*” nos comentários de uma postagem no *Instagram*. O termo derivado do inglês “*stalk*” (perseguir) passou a ser empregado informalmente para designar a ação de vasculhar ou monitorar o perfil de alguém nas redes sociais.



Fonte: *Instagram* (2025)

A postagem que originou os comentários discutia a prática recorrente de ex-parceiros(as) continuarem acompanhando virtualmente a vida do(a) ex mesmo após o término do relacionamento.

Observa-se o uso espontâneo e descontraído do verbo “*stalkear*”, conjugado de acordo com as regras gramaticais do português, como em “...nunca na vida stalkeei alguém” ou “não estalqueio ninguém”. Ainda que essa forma verbal não esteja oficialmente registrada nas gramáticas normativas ou em dicionários tradicionais, seu emprego revela um fenômeno típico da linguagem digital: a criação e a naturalização de neologismos que mesclam elementos de línguas distintas para dar conta de novas práticas sociais.

Outro caso que ilustra a introdução de “neologismos” por meio dos ambientes virtuais é a Figura 19. A figura é uma captura de tela de uma postagem de um dos principais canais jornalísticos do Brasil, feita na rede social X (antigo *Twitter*). A publicação divulga os principais temas que serão discutidos no programa jornalístico veiculado na emissora e integra mídias diferentes (texto, vídeo, *hyperlink*), formando uma estrutura multimodal. Dessa forma, o conteúdo se torna mais compatível com a lógica do ambiente digital: rápido, acessível, compartilhável e “clicável”.



Fonte: X (2025)

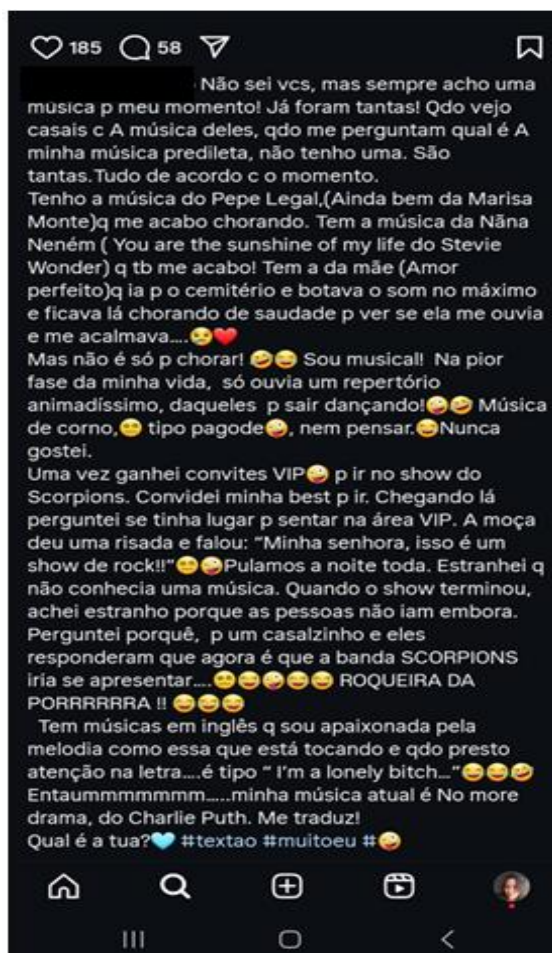
Logo no início da postagem é possível ver em destaque o termo “segundou”, amplamente difundido nas redes sociais. Formado pela junção do substantivo “segunda” (referente ao dia da semana) com o sufixo verbal “-ou”, o termo adquire um sentido de ação, que simboliza o início da rotina semanal, do trabalho e da retomada das atividades cotidianas.

O uso desse neologismo evidencia uma ressignificação dos modos de dizer e uma flexibilização das normas tradicionais da língua, típicas do ambiente on-line. Quando incorporado por veículos jornalísticos, como no caso da postagem acima, “segundou” indica uma ruptura com a linguagem jornalística tradicional, marcada pela formalidade e neutralidade, e introduz uma dimensão de proximidade e descontração. Assim, o termo demonstra uma estratégia de aproximação com o público, revelando a busca por uma comunicação mais dinâmica e sintonizada com os usos linguísticos das redes sociais.

Em suma, a figura analisada reforça como até mesmo instituições tradicionalmente associadas à linguagem padrão e à objetividade formal, como canais jornalísticos, vêm incorporando estratégias típicas da cultura digital para adaptar sua comunicação às novas formas de interação e consumo de informação.

A figura a seguir refere-se a uma postagem marcada com a *hashtag* “#textao”, que sinaliza que o conteúdo foge da brevidade usual das redes. O usuário compartilha experiências e memórias pessoais relacionadas à música, destacando como diferentes canções marcaram momentos importantes de sua vida.

Figura 20 - Postagem “Textão”



Fonte: Instagram (2025)

Trata-se de uma publicação com cunho autobiográfico, muito comum em redes sociais, onde os usuários constroem narrativas sobre si mesmos como forma de expressão e identificação com os outros. O texto mistura humor, emoção e espontaneidade, que geram engajamento. É como se o autor estivesse se dirigindo diretamente ao público. Também se destaca o uso de letras repetidas para intensificar emoções, como “PORRRRRRA!!!”, “Entaummmmm”, bem como a pontuação informal com o uso repetido de pontos de exclamação, reticências (“...”).

A oralidade é marcante: frases soltas, pontuação informal, supressões e interjeições criam uma narrativa fluida, quase que como uma fala espontânea entre pessoas conhecidas. O uso de *emojis* intercalados ao texto verbal reforça o conteúdo e atua como índice da intenção comunicativa, indicando ironia, empolgação, riso, deboche ou ternura. Esses elementos ajustam o “tom” da leitura.

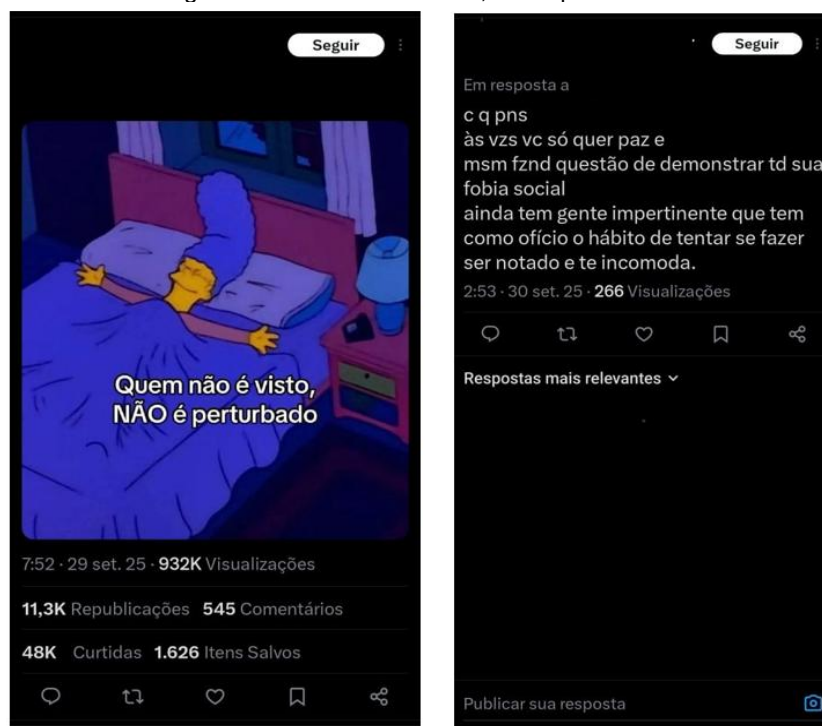
Entre os aspectos ortográficos, destacam-se as supressões de letras, como “c” (com), “qdo” (quando), “q” (que), “pq” (porque), “tb” (também), indicam um processo de economia linguística típica das interações digitais. A omissão da letra “m” na

abreviação “tb” para “tbm” indica uma tendência à compressão ainda maior da linguagem, reflexo de um ambiente onde a rapidez e a praticidade comunicativa são altamente valorizadas. Cabe ressaltar que faz anos usa-se “TV” em lugar de “televisão”; mais recentemente, o “tbt”, sigla para o termo em inglês *“throwback thursday”*, que pode ser traduzido como “quinta-feira da retrospectiva”, que indica nostalgia, saudade de um tempo.

A construção híbrida, que soma oralidade, escrita e *emojis*, demonstra como os usuários hoje se apropriam da linguagem de modo criativo para dar forma às suas histórias, experiências e sentimentos. O uso abundante de *emojis* funciona como uma espécie de marcador do estado emocional do usuário, reforçando o tom de brincadeira ou emoção do trecho.

A próxima figura (Figura 21) amplia o escopo de observação ao incluir um exemplo distinto, mas complementar, de manifestação típica da cultura digital: uma postagem em formato de meme com legenda textual e os comentários relativos a essa postagem com marcas de informalidade, abreviação e subjetividade.

Figura 21 – Quem não é visto, não é perturbado



Fonte: *Threads* (2025)

A postagem explora o formato clássico do meme, em que a mensagem textual em tom irônico ganha força ao ser associada a uma cena de fácil reconhecimento

cultural. No caso, o uso de um personagem de uma série animada amplamente conhecida (Os Simpsons) gera um efeito de identificação imediata e contribui para a economia semântica, em que poucas palavras e uma imagem bastam para transmitir uma ideia ou crítica.

A legenda com negação em caixa alta, “NÃO é perturbado”, reforça o tom categórico e provocador da mensagem, típica das publicações de humor ácido ou reflexivo nas redes. O sucesso do conteúdo pode ser constatado pelo número expressivo de visualizações, curtidas e compartilhamentos, o que indica seu alto potencial de engajamento.

Na sequência, é possível observar um comentário feito em resposta a uma postagem, no qual o usuário recorre amplamente a recursos linguísticos característicos da comunicação digital. Entre eles, destacam-se as seguintes supressões: “c” (você), “q” (que), “pns” (pensa), “às vzs” (às vezes), “vc” (você), “msm” (mesmo), “fznd” (fazendo), “td” (toda/ tudo). Como discutido na fundamentação, a escrita alfabética da língua portuguesa estrutura-se em torno da vogal como centro silábico (Camara Jr., 1999). No entanto, conforme demonstrado no comentário da postagem, frequentemente essa estrutura é subvertida ao suprimir vogais, priorizando consoantes. Esse fenômeno não deve ser interpretado como um erro, mas como resultado de um processo semelhante ao descrito por Ferreiro e Teberosky (1985), em que os sujeitos constroem hipóteses próprias sobre a linguagem escrita a partir de suas necessidades comunicativas. Tal como a criança em processo de alfabetização, os usuários da internet testam formas expressivas, adaptando o código escrito aos novos meios e às lógicas interacionais digitais.

A pontuação também é afetada, sendo reduzida unicamente ao ponto final, o que, por um lado, pode parecer descuido gráfico; por outro, revela-se uma característica do universo digital, em que o foco recai sobre o fluxo comunicativo contínuo. Ademais, as iniciais das frases não são colocadas em letras maiúsculas, aspecto que vem se consolidando nesses espaços.

Essas características ratificam que os espaços digitais favorecem uma escrita que se distancia da norma-padrão, mas que é eficaz dentro de seu ecossistema. O que se observa é a construção de uma escrita que visa, além de informar, expressar, provocar e conectar. Assim, o que ganha destaque não é uma suposta “falha” de linguagem, e sim um novo jeito de escrever, voltado a objetivos como expressar, provocar, gerar identificação e aproximar as pessoas.

O funcionamento da língua não se limita ao que é reconhecido pela gramática normativa. Nos espaços virtuais, a escrita é marcada por uma lógica comunicativa distinta, centrada na brevidade, agilidade e criatividade. Formas como “*tbm*” (também) e “*prblm*” (problema), por exemplo, evidenciam a supressão de vogais, elemento central da estrutura silábica da Língua Portuguesa; além do uso de abreviações e da substituição de letras por símbolos ou números, como em “*s3x0*”. Essas estratégias linguísticas subvertem os princípios da ortografia tradicional, ao mesmo tempo em que demonstram o dinamismo e a capacidade de adaptação da linguagem em contextos sociais.

Para entender os efeitos desse fenômeno, é importante revisitar a estrutura da sílaba na Língua Portuguesa. Segundo Camara Jr. (1999), a sílaba caracteriza-se por apresentar um centro silábico, também denominado ápice, que corresponde predominantemente a uma vogal, que constitui seu núcleo. A partir da posição do ápice, a sílaba pode ser classificada de acordo com os elementos que a precedem e a sucedem. Desse modo, Camara Jr. (1999) classifica as sílabas em três tipos principais: V, CV e CVC. Por exemplo, a palavra “*casa*” apresenta duas sílabas do tipo CV (*/ca/* e */sa/*), ou seja, a sílaba é formada por uma consoante e uma vogal. Já na palavra “*vento*”, observa-se uma sílaba do tipo CVC (*/ven/*) seguida de uma CV (*/to/*). A omissão de vogais em palavras como “*prblm*” interrompe esse padrão, dificultando a identificação silábica tradicional e alterando a fonologia da escrita. Ainda assim, o leitor familiarizado com esse tipo de texto pode reconstruir mentalmente a palavra original, apoiando-se no sistema da língua para interpretar o enunciado.

Esse tipo de resignificação linguística remete aos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), que demonstraram, no processo de aquisição da escrita pelas crianças, a formulação de hipóteses próprias sobre a organização da linguagem escrita. De modo semelhante, os usuários digitais constroem e testam novas possibilidades de escrita, com base em suas experiências, objetivos comunicativos e pertencimento a determinados grupos. Esse processo demonstra que linguagem é uma prática social em constante transformação.

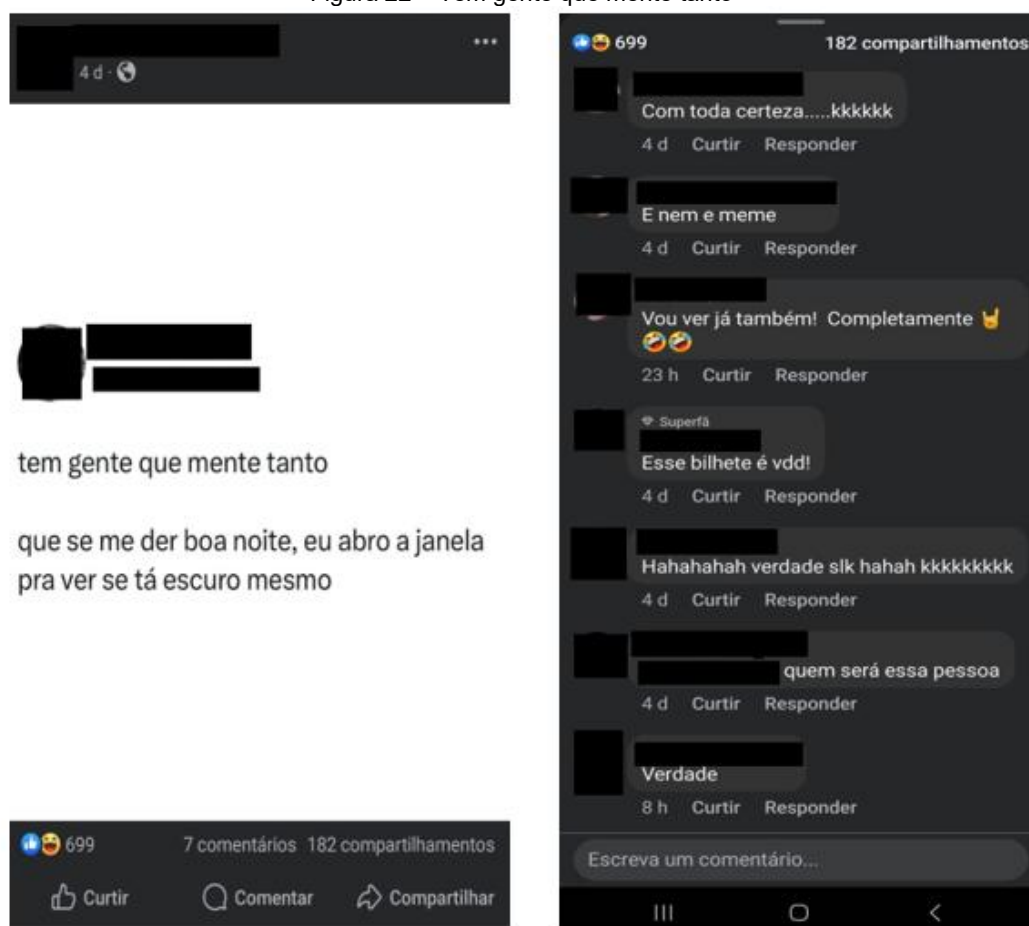
Além desses aspectos, as alterações da escrita em ambientes digitais podem ter outra motivação. Jaques (2025) mostra como criadores de conteúdo negros recorrem a grafias alternativas para burlar algoritmos de moderação em plataformas como o *TikTok*. Segundo o autor, o *algospeak*, denominação dada a esse tipo de estratégia, evidencia uma nova forma de resistência linguística digital.

Ao substituir letras por símbolos, como no termo “*racismo*” para “*r@acismo*”, os usuários conseguem manter a circulação de seus conteúdos, mesmo em contextos de monitoramento automatizado, já que que esses mecanismos de moderação são baseados em padrões ortográficos convencionais. Essa prática linguística revela uma dimensão ideológica da escrita digital: ela se torna uma ferramenta de contestação e visibilidade diante de sistemas que reproduzem desigualdades.

Nessa perspectiva, a escrita digital não pode ser compreendida apenas como uma forma “errada” ou “informal” da língua, mas como um meio de produção de sentidos. Ainda que determinados usos da escrita desafiem os limites da norma, eles permanecem compreensíveis dentro da lógica do sistema linguístico e dos contextos sociais em que circulam. A análise do funcionamento da escrita, em contraste com as formas digitais emergentes, sinaliza que a linguagem escrita é profundamente sensível aos contextos culturais e sociais em que se insere e, portanto, reconfigura-se diante das demandas comunicativas da cultura digital.

Dando continuidade à análise, observa-se na Figura 22 mais um exemplo de como os usuários das redes sociais se apropriam da linguagem de forma criativa. Trata-se de uma publicação de cunho tipicamente humorístico, característica bastante recorrente nos ambientes analisados, onde os usuários compartilham enunciados que com tons de sarcasmo, ironia e crítica velada ao cotidiano.

Figura 22 – Tem gente que mente tanto



Fonte: Facebook (2025)

No exemplo analisado acima, o exagero ao duvidar até mesmo de um simples "boa noite" tem a finalidade de intensificar a percepção de desconfiança diante de relações interpessoais marcadas por incertezas e simulações. Esse tipo de construção evidencia uma espécie de desconfiança que tem se tornado frequente nas interações digitais, especialmente em tempos de *fake news*. A eficácia do *post* é materializada em centenas de curtidas, compartilhamentos e comentários.

Esse processo de reconfiguração dialoga diretamente com o entendimento de Catach (1996), segundo o qual a escrita se constitui como uma prática cultural permeada por relações de poder e moldada por convenções historicamente construídas. Assim, ao contrário de representar uma ruptura, as variações observadas nos ambientes digitais expressam a continuidade de um movimento próprio da história da escrita, o qual acompanha as mudanças tecnológicas e sociais de cada época. Nesse sentido, a escrita digital não deve ser vista como uma ameaça à norma, mas como um sintoma de vitalidade linguística e de adaptação criativa da linguagem às novas formas de interação mediadas pela tecnologia.

Nos comentários que acompanham a postagem, observa-se que os usuários não apenas reagem ao conteúdo original, mas também expandem o humor proposto, estabelecendo um diálogo dinâmico e coletivo. O comentário: “Esse bilhete é vdd!” ilustra a intertextualidade presente nas redes sociais, ao remeter a um meme amplamente reconhecido na cultura digital. A referência irônica cria um vínculo entre os interlocutores, consolidando o humor na interação. Assim, o conjunto de comentários evidencia como a escrita digital é atravessada por práticas expressivas, criativas e compartilhadas, nas quais os usuários mobilizam recursos linguísticos, visuais e culturais para construir significados de forma colaborativa e afetiva.

Destaca-se ainda o uso da gíria “slk”, amplamente disseminada, especialmente pelo público mais jovem. Essa abreviação remete à interjeição “se liga”, e tem passado por um processo de resignificação que a torna altamente polissêmica e flexível no uso cotidiano. Dependendo do contexto e da entonação atribuída pelo enunciador, “slk” pode comunicar surpresa, admiração, irritação, ironia ou até concordância. Seu valor semântico, portanto, não está dado de antemão, mas se constrói dinamicamente na interação. Isso revela um aspecto marcante da escrita digital: a capacidade de condensar sentidos complexos e emoções sutis em unidades mínimas de linguagem. Essas formas operam com eficiência comunicativa por meio do saber compartilhado entre os interlocutores. Este é um tipo de competência que envolve tanto domínio técnico do ambiente digital quanto sensibilidade social e cultural para a leitura textos envolvidos.

Para além do conteúdo irreverente das redes sociais, a Figura 24, a seguir, apresenta uma campanha publicitária veiculada em rede social, cujo objetivo é promover um produto como sugestão de presente para o Dia dos Pais. Inserida em um ambiente comunicacional caracterizado pela busca constante por atenção, engajamento e conversão em vendas, a peça recorre a estratégias linguísticas que se alinham diretamente ao “internetês”, típico da cultura digital.

Embora se trate de uma ação promocional de natureza corporativa, é possível observar um movimento deliberado de adaptação à linguagem própria das redes sociais. Essa escolha revela um afastamento consciente das normas gramaticais tradicionais, priorizando, em seu lugar, a eficácia comunicativa, a identificação com o público-alvo e a fluidez na interação digital.

Figura 23 – Campanha publicitária Mercado Livre



Fonte: X (2025)

A publicação adota um tom informal, descontraído e permeado por elementos característicos dos ambientes digitais, como abreviações, emojis e marcas de oralidade. Esse tom revela uma tentativa de aproximação com um público jovem, habituado à comunicação rápida, fragmentada e típica das redes sociais.

O trecho “seu pai que faz tudo ao mesmo tempo?” simula a entonação e o ritmo da fala cotidiana por meio de uma construção sintática simplificada e da ausência de pontuação formal. Já a frase “então tá na hora de dar um upgrade na central de comandos dele hehe” combina referências tecnológicas com uma expressão típica do universo digital, o “hehe”, que conferindo leveza e humor à mensagem. Assim como na figura anterior (Figura 23), a utilização de letra minúscula no início de frases reforça a informalidade e a fluidez da comunicação digital. A presença de um *emoji* representando o cérebro (🧠), por sua vez, atua como metáfora visual, evocando ideia de inteligência, agilidade mental e capacidade multitarefa, um recurso que amplia os sentidos do texto verbal.

Essas características exigem dos sujeitos um conhecimento contextualizado e situado sobre como escrever, quando escrever e para quem escrever, o que implica considerar que diferentes contextos exigem diferentes modos de agir com a linguagem. Nesse sentido, ainda que se descole em certa medida da norma-padrão, cumpre com eficácia funções expressivas e interativas no cotidiano dos usuários.

A Figura 24, abaixo, apresenta mais um exemplo de postagem com finalidade publicitária, na qual se percebe uma adaptação evidente da linguagem aos novos modos de interação característicos dos ambientes digitais.



Fonte: Instagram (2025)

A campanha em questão vai além do uso de uma linguagem descontraída, pois é mediada por uma personagem virtual, a Lu, inteligência artificial criada pela empresa e consolidada pela marca. Presente em diferentes canais de comunicação, a Lu divulga ofertas e interage com o público, responde comentários e participa de campanhas com voz e estilo próprio.

O uso de palavras como "ameiiiiii" e "demais, né?!", nos comentários, mostra uma identidade da personagem, "Lu", que se alinha com a linguagem do público. Em outras situações, ela responde aos usuários apenas com *emojis*, o que mostra a valorização da comunicação simbólica e sintética, típica da cultura digital.

No âmbito desta pesquisa, este exemplo, assim como os demais analisados ao longo do trabalho, contribui para reforçar a hipótese de que o ambiente digital tem provocado transformações significativas na língua escrita, seja nos modos de produção, circulação e recepção dos textos. O que se evidencia é uma diluição das fronteiras entre o escrito e o falado, entre o verbal e o visual, em favor de uma linguagem cada vez mais híbrida.

A presença de elementos visuais integrados à escrita, assim como flexibilização das normas ortográficas em favor de uma comunicação cada vez mais ágil, conforme demonstrado nas figuras anteriormente analisadas, sinaliza que estamos diante de um processo em curso de reconfiguração da escrita. A perspectiva de Cagliari (2009, p. 13) oferece uma contribuição relevante ao observar que “Desde a invenção da escrita até hoje, encontramos em todos os tempos pessoas que usaram figuras para representar palavras, mesmo quando o sistema principal de escrita era fonográfico”. Essa afirmação ajuda a compreender que o uso de imagens como parte da linguagem escrita não é uma novidade trazida exclusivamente pelo digital. Ao contrário, trata-se da continuidade de uma prática antiga, que sempre coexistiu com os sistemas fonográficos. O que as tecnologias digitais fazem é potencializar essas formas gráficas, dando novo alcance e dinamismo a uma estratégia comunicativa ancestral.

5.3 Escrita, educação e práticas sociais: tensões e reconfigurações

Compreender a escrita como uma prática social, conforme propõe Kleiman (1995), implica reconhecer que essa é uma atividade moldada pelas condições socioculturais. Essa perspectiva conduz a uma reflexão sobre os desafios e as possibilidades para a educação, sobretudo diante das múltiplas linguagens que compõem os ambientes virtuais, os quais afetam os modos de produção e circulação dos textos, bem como as relações sociais e as práticas de letramento exigidas nos diferentes contextos comunicativos.

A análise das transformações da linguagem escrita no contexto digital não pode ser dissociada das consequências que as tecnologias digitais exercem sobre a educação. Assim como a linguagem é moldada pelas dinâmicas culturais e sociais, a educação, enquanto processo contínuo e inerente à experiência humana (Fernandes, 2010), também é influenciada.

Gadotti (2003), ao traçar um panorama das teorias educacionais, demonstra como cada época abrange mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas às práticas pedagógicas. Seguindo esse viés, Libâneo (2022) também discute a influência do contexto histórico-cultural-social na educação, destacando a necessidade de renovação constante, especialmente no âmbito escolar, para que o ensino promova a formação de indivíduos preparados para atuar de maneira crítica na sociedade.

A produção textual no ambiente escolar permanece, em grande parte, submetida a normas rígidas de formalidade, estrutura e padronização, estabelecendo limites sobre o que pode ou não ser dito, como deve ser dito e em que formato deve ser apresentado. Essa regulação se manifesta em instrumentos avaliativos como provas escolares, redações de vestibulares e exames nacionais, como o ENEM, nos quais se espera do aluno o domínio de um gênero textual específico, geralmente dissertativo-argumentativo, com linguagem formal e vocabulário padronizado. Essa configuração da escrita está fortemente ancorada no chamado modelo autônomo de letramento (Kleiman, 1995), que concebe a escrita como um conjunto de habilidades cognitivas universais, descontextualizadas e neutras.

A concepção tradicional da escrita escolar está ancorada, em grande medida, no que Kleiman (1995) denomina de modelo autônomo de letramento, que entende a escrita como um conjunto de habilidades cognitivas universais, neutras e desvinculadas de contextos sociais específicos. Esse modelo ainda orienta grande parte das práticas pedagógicas e das políticas educacionais, promovendo uma visão tecnicista da linguagem, centrada na correção formal e na conformidade com normas previamente estabelecidas. Em contraste, o modelo ideológico de letramento, também discutido por Kleiman (1995) com base nos estudos de Brian Street, compreende a escrita como prática social, situada e culturalmente condicionada, refletindo as relações de poder e os valores de cada comunidade discursiva.

A adesão predominante ao modelo autônomo nas escolas tende a invisibilizar as múltiplas práticas de letramento que os sujeitos constroem fora do espaço escolar, inclusive em ambientes digitais. Ao privilegiar apenas um tipo de escrita, a formal, a escola desconsidera os saberes linguísticos e comunicativos que os alunos desenvolvem em outros contextos, como nas redes sociais, em fóruns, *blogs* e outras plataformas digitais. Essa desconsideração pode contribuir para o aprofundamento das desigualdades educacionais, pois reduz a escrita a um exercício técnico e

descontextualizado, sem diálogo com as vivências reais dos estudantes. Essa crítica é reforçada pela autora ao afirmar que:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção da escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua — como lugar de trabalho —, mostram orientações de letramento muito diferentes (Kleiman, 1995, p.20).

Reconhecer os letramentos digitais, nesse sentido, significa valorizar os diversos modos de produção de sentido que circulam no cotidiano dos estudantes, não como ameaças ao padrão escolar, mas como formas legítimas de linguagem. Essa abordagem não nega a importância do ensino da norma culta e dos gêneros formais, mas propõe uma articulação entre esses saberes escolares e os repertórios presentes na experiência social dos estudantes.

O estudo de Martins (2021), ao analisar a influência dos aplicativos de mensagens instantâneas na escrita da língua portuguesa, evidencia empiricamente as transformações linguísticas que ocorrem nas práticas cotidianas de comunicação dos sujeitos. Embora não trate diretamente do ensino da língua portuguesa, os dados apresentados reforçam a necessidade de repensar o papel da escola frente aos novos letramentos. A mobilização de recursos típicos do ambiente digital, como abreviações, *emojis*, indicam formas legítimas de produção de sentido que, quando ignoradas pelo modelo autônomo predominante nas instituições escolares, pode aprofundar o distanciamento entre o que se ensina e o que os estudantes vivenciam cotidianamente, comprometendo o engajamento com a aprendizagem da escrita reflexiva.

A esse debate, soma-se o estudo desenvolvido por Botelho (2021), que investiga os impactos do “internetês” na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II. A autora observa que, embora traços da linguagem digital estejam presentes nas produções escolares, essas marcas não devem ser compreendidas exclusivamente como desvios da norma culta, mas como manifestações linguísticas vinculadas ao contexto dos estudantes. A análise de Botelho (2021) reforça a perspectiva do letramento como prática social, ao defender que o papel da escola deve ser ensinar

os estudantes a reconhecerem os diferentes usos da linguagem e a adequá-los aos diversos contextos. Assim, o ensino de língua portuguesa pode se beneficiar desse tipo de escrita como ponto de partida para a reflexão sobre variação linguística, norma padrão e adequação textual.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao estabelecer entre suas competências gerais o uso ético, crítico e reflexivo das tecnologias digitais (BRASIL, 2018), parece reconhecer a centralidade da cultura digital nas sociedades contemporâneas. Contudo, conforme Gonçalves (2020) argumenta, o documento propõe a uniformização dos processos de ensino sem considerar as desigualdades sociais e as limitações de grande parte da rede pública de ensino do país. Entre as dificuldades apontadas pela autora estão a falta de acesso a recursos tecnológicos e a escassez de formação docente voltada para os letramentos digitais. Nesse cenário, a prescrição curricular de práticas digitais sem o devido suporte pode reforçar a exclusão digital e, conseqüentemente, educacional.

Para além das críticas apontadas por Gonçalves (2020), há que se considerar as orientações da BNCC sob uma lógica neoliberal, especialmente pela ênfase às competências vinculadas à produtividade, à mensuração de desempenhos e à adequação às demandas do mercado de trabalho. As reflexões de Candau (2012) contribuem para o aprofundamento dessa análise ao evidenciar que essa lógica tende a restringir a função social da escola à reprodução de conteúdo padronizado, deixando às margens práticas linguísticas constitutivas do cotidiano dos estudantes.

É preciso cautela, no entanto, para não romantizar ou demonizar toda e qualquer prática digital. À luz das reflexões de Olson (1997), observa-se que determinadas formas de escrita presentes nos ambientes digitais, como a substituição de palavras por imagens, ícones e *emojis*, podem operar dentro de uma lógica emblemática, semelhante àquela observada nas fases iniciais da aquisição da escrita. Segundo o autor, os primeiros sistemas de escrita funcionavam com uma lógica simbólica direta, sem exigir a consciência da linguagem como sistema de representação. Essa lógica está presente também nas produções iniciais da escrita infantil, nas quais a criança ainda não distingue entre o nome e a palavra, ou entre a coisa e sua representação linguística. Do mesmo modo, essa racionalidade pode ser identificada em certos usos da escrita digital, nos quais o texto é frequentemente substituído ou reduzido a imagens, *emojis* e abreviações. Embora esses elementos sejam funcionais, muitas vezes operam dentro de um modelo de representação direta,

expressando sentimentos, ações ou objetos sem necessariamente favorecer o desenvolvimento da consciência metalinguística, que é fundamental para a escrita reflexiva e para o pensamento abstrato e complexo.

Sob esse panorama, a escola pode atuar como mediadora, apresentando aos estudantes diferentes registros e contextos de uso da linguagem escrita, de modo que sejam capazes de articular a norma culta às experiências linguísticas vivenciadas fora do espaço escolar. Nesse sentido, mais do que simplesmente acolher a pluralidade textual que emerge dos ambientes digitais, é importante promover a problematização dos sentidos, das formas e dos efeitos produzidos por esses registros escritos.

A tensão entre o que a BNCC propõe e o que efetivamente se concretiza no cotidiano escolar no que se refere à integração das práticas digitais, reforça a relevância da presente pesquisa, que busca compreender como a escrita se configura nas redes sociais e de que maneira essas práticas podem ser legitimadas como objeto de estudo no âmbito da educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: NADA NOVO SOB O SOL

A reflexão de Nina Catach (1996), apresentada na epígrafe desta dissertação, segundo a qual o homem, em um primeiro momento, pôde refletir sobre sua linguagem por meio da escrita e, hoje, reflete sobre a própria escrita diante dos novos sistemas de signos que emergem, oferece uma chave interpretativa valiosa para compreender o cenário investigado. Se, em sua origem, a escrita foi o espaço inaugural da consciência linguística, na contemporaneidade ela se converte em objeto de questionamento e reinvenção diante das transformações impulsionadas pela cultura digital.

Nesse horizonte, a pesquisa demonstra que a escrita mantém sua centralidade como tecnologia cultural, mas assume feições que desestabilizam a rigidez da norma e instauram novas formas de interação textual. Essa dinâmica confirma o alerta de Catach (1996) quanto à necessidade de “acertar os relógios”, isto é, situar-se no tempo presente para compreender as mudanças que marcam a linguagem em sua historicidade.

No contexto da cultura digital, as mudanças no modo de acessar e compartilhar conhecimento repercutem diretamente sobre a linguagem e, em especial, sobre a escrita. A instantaneidade, a conectividade, a ubiquidade e a multimodalidade que caracterizam o ambiente digital ampliam as possibilidades de produção e circulação de textos, ao mesmo tempo em que impõem novos desafios relacionados à fragmentação, superficialidade e à redefinição das fronteiras entre oralidade e escrita, público e privado, saber leigo e especializado.

A presente investigação teve como objetivo geral desenvolver um estudo sobre a escrita em ambientes digitais, na perspectiva de que, nesses espaços, ocorre um deliberado e espontâneo descolamento da escrita ortográfica tradicional, com o surgimento de novos paradigmas que incluem signos não verbais. As análises realizadas confirmam essa hipótese ao evidenciar que, nesses ambientes, a escrita adquire novos contornos, mesclando elementos verbais, visuais e sonoros em práticas textuais marcadas pela fluidez, instantaneidade e criatividade.

Atualmente, ser letrado não implica apenas dominar a norma culta, mas também navegar por linguagens híbridas, entender nuances de um meme, decifrar um *algospeak* ou interpretar a combinação de texto e imagem em um *post*. Autores como Santaella (2013, 2022) e Soares (2017) lembram que a escrita sempre esteve

em processo de transformação – das pinturas rupestres à imprensa, da imprensa ao *pixel*. Na era digital, qualquer pessoa pode se tornar autora de textos, mesmo sem dominar as normas da língua padrão, o que dá visibilidade a formas de falar antes marginalizadas, como dialetos, variações regionais e modos pessoais de expressão. Por outro lado, as redes sociais exigem que tudo seja rápido, direto e atraente. Isso faz com que ideias complexas, muitas vezes, sejam simplificadas, o que pode afastar discursos mais elaborados ou que não se encaixam nesse formato ágil. Esses contrastes mostram que a transformação trazida pela cultura digital não é totalmente positiva nem negativa. Trata-se de um fenômeno que desafia categorias tradicionais (oral/escrito, formal/informal, local/global), e instaura novos paradigmas de interação textual.

Ainda que as práticas digitais revelem grande potencial expressivo e contribuam para a diversificação dos modos de escrever, é necessário evitar uma idealização dessas manifestações. Certos usos recorrentes nos ambientes digitais, tais como a substituição de palavras por imagens, *emojis* ou ícones, remetem a formas de representação que dispensam o distanciamento reflexivo em favor de uma comunicação mais imediata e emocional. Essa lógica de associação direta entre signo e significado remonta a estágios iniciais da escrita, nos quais o pensamento ainda não operava plenamente com a linguagem como sistema abstrato (Olson, 1997). Embora tais recursos cumpram funções comunicativas relevantes, seu uso predominante pode restringir o desenvolvimento da consciência metalinguística, fundamental para uma escrita mais elaborada, capaz de sustentar argumentações complexas e promover o pensamento crítico. Assim, os ambientes digitais apresentam um campo fértil de inovação, mas também exigem um olhar atento às implicações formativas dessas novas práticas.

A escrita digital, longe de instaurar uma ruptura abrupta com a tradição, revela-se como um território de reconfiguração contínua, no qual convivem elementos de permanência e de inovação. Trata-se de um cenário em que velhas estruturas são tensionadas por novas exigências comunicativas, instaurando formas plurais de escrever. Por um lado, observa-se a ampliação do acesso aos meios de produção textual, com a visibilidade a vozes historicamente silenciadas ou marginalizadas, que encontram, nas redes, espaços de afirmação identitária e expressiva. Por outro, dissolve-se fronteiras convencionais entre oralidade e escrita, formalidade e informalidade, público e privado, o que exige um olhar sensível às novas lógicas de

significação e aos modos de constituição dos sujeitos em rede. Nesse contexto, a escrita digital convoca a pensar a linguagem como experiência social em constante (trans)formação.

Em síntese, a pesquisa evidencia que a escrita, mesmo com as transformações decorrentes da cultura digital, continua a desempenhar papel central na constituição das práticas sociais e comunicativas. Sua configuração atual coloca em evidência aspectos utilizados desde os tempos mais remotos da comunicação, como o uso de ícones e imagens, agora incorporados de modo criativo aos textos digitais.

A cultura digital, nesse sentido, não decreta o fim da escrita, mas reafirma sua adaptabilidade. Como sugere Gilberto Gil (2018), ao afirmar estar “preso na rede / que nem peixe pescado”, vivemos hoje uma realidade em que a hiperconectividade atravessa profundamente nossas formas de expressão, nossos vínculos. Tal como expresso na canção, trata-se de um contexto “muito bem bolado”, em que convivem criatividade, velocidade, dispersão e potência comunicativa. Reconhecer essas ambivalências é essencial para compreender os novos paradigmas da escrita instaurados pela cultura digital.

As análises apresentadas reforçam que a escrita é um sistema em constante transformação, que se adapta às demandas comunicativas de cada época. A supressão de vogais em contextos digitais, por exemplo, não representa um empobrecimento da linguagem, mas uma reconfiguração funcional da escrita, marcada por estratégias de economia, agilidade e reconhecimento mútuo entre os interlocutores. Essas práticas não representam desvios, mas evidenciam formas de letramento, construídas a partir das vivências comunicativas dos sujeitos. Reconhecer essa multiplicidade de usos da língua não significa abandonar o ensino da norma padrão, mas compreender que ela deve conviver com os usos cotidianos da linguagem e ser ensinada em diálogo com eles.

Esse cenário desafia concepções escolares normativas e convida a repensar as práticas didáticas para que se reconheça a legitimidade desses usos como manifestações letradas. Em vez de serem ignoradas ou corrigidas como uma forma errada da escrita, esses usos podem ser apropriados pedagogicamente como ponto de partida para discutir variação linguística, adequação textual e os múltiplos registros da escrita na sociedade contemporânea.

O trabalho com textos multimodais, por exemplo, como memes, campanhas publicitárias, postagens de redes sociais, entre outros, podem funcionar como ponte

entre as práticas escolares e os repertórios dos estudantes, promovendo uma educação linguística mais sensível às realidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 25-64.
- BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2002.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Nova Fronteira, 2015.
- BOTELHO, D. da C. **Internetês**: os impactos da linguagem da internet na escrita dos alunos do ensino fundamental II. 2021. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 set. 2025.
- BRASIL ESCOLA [s.d]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/hieroglifos-egipcios.htm>. Acesso em 16 set. 2025.
- CAGLIARI, L. C. **A história do alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009.
- CALVET, L. J. **A tradição oral e tradição escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto; Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.
- CAMARA JR, J Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 17-30, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/phjDZW7SVBf3FnfNL4mJywL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- CATACH, N. (organizadora). **Para uma teoria da língua escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CINTRA, A. M. M.; PASSARELLI, L. G. (coordenadores). **A pesquisa e o ensino em língua portuguesa sob diferentes olhares**. São Paulo: Blucher, 2012. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- DATAREPORTAL. **Digital 2024: Brazil**. We Are Social e Meltwater, 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 28 jun. 2025.

EISENSTEIN, E. L. **A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1998.

ETHNOLOGUE. Seção Início: Línguas do mundo. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 09 ago.2025.

FERNANDES, M. A. **O que é mesmo educação?** *Educativa*, v. 13, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1253/867>. Acesso em: 16 mai. 2025.

FERREIRO, E. **O ingresso na escrita e na cultura do escrito**. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradutores: Horácio Gonzales, Maria Amélia de Azevedo Goldberg, Maria Antônia Cruz Costa Magalhães, Mansa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 26 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FISCHER, S. R. **História da Escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: UNESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo, Ática, 2003.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GONÇALVES, J. E. A. **BNCC e as tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa com foco no gênero meme**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/25460>. Acesso em: 10 dez. 2025.

HAN, B. C. **Infocracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis-RJ: Vozes, 2022.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. Tradução de Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JACQUES, J. P. **Onde estão as pessoas negras na For You?: racismo algorítmico e a disputa por visibilidade no TikTok**. 2025. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/292475>. Acesso em: 04 jul. 2025.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2022. E-book. p.194. ISBN 9786555553062. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555553062/>. Acesso em: 22 set. 2024.

MARTINET, André. **A linguística sincrônica** – estudos e pesquisas. Tradução de Lilian Arantes. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

MARTINS, E. da S. **A influência das tecnologias digitais no processo de escrita da língua portuguesa**. 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021.

MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 18 ed. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2009.

META. **Começando no Threads**. Facebook for Government & Nonprofits [s.d.]. Disponível em: https://www.facebook.com/government-nonprofits/blog/getting-started-on-threads?ref=search_new_1. Acesso em: 23 ago. 2025.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLSON, D. R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.

SAMPAIO, A. F. **Letras e memória: uma breve história da escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SAMPSON, G. **Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. **Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do sapiens**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2022.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. 2. ed. Porto Alegre: +A Educação - Cengage Learning Brasil, 2018. E-book. pág.45. ISBN 9788522126989. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522126989/>. Acesso em: 03 out. 2025.

SANTAELLA, L.; KAUFMAN, Marcus Bastos. **Os dados estão nos engolindo**. *Matrizes*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 15-42, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/190101>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de José Paulo Paes e Izidoro Blikstein Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 1975.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. E-book. p.131. ISBN 9788524925207. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524925207/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. E-book. pág. 6. ISBN 9788572449854. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572449854/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

STÖRIG, H. J. **A aventura das línguas – uma história dos idiomas do mundo**. Tradução de Clória Paschoal de Camargo e Saulo Krieger (atualizações). São Paulo: Melhoramentos, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **O ideograma chinês**. Instituto Confúcio, [imagem]. Goiânia: UFG, [s.d]. Disponível em: <https://institutoconfucio.ufg.br/n/138642-o-ideograma-chines>. Acesso em: 13 set. 2025.

X CORP. **Perguntas frequentes sobre os Assuntos do Momento do X**. Central de Ajuda do X, [s.l.], [s.d.]. *Perguntas frequentes de novos usuários*. Disponível em: <https://help.x.com/pt/resources/new-user-faq>. Acesso em: 26 ago. 2025.

Apêndice A – Categorização do *Corpus* da Pesquisa

| Nº | Título | Categoria | Descrição |
|----|-------------------------------------|--|--|
| 1 | Emoji feliz | Signo não verbal | Expressar emoção, sentimento |
| 2 | Emoji desconfiado | Signo não verbal | Expressar emoção, sentimento |
| 3 | Emoji pêssigo | Signo não verbal | Representação visual com sentido ambíguo (corpo ou fruta) |
| 4 | Figurinha WhatsApp Como é que é? | Internetês + Signo não verbal | Expressão coloquial em tom de surpresa; linguagem oral |
| 5 | Figurinha WhatsApp Rivotril | Signos verbais + Signo não verbal | Referência cultural a tranquilizante em tom humorístico. |
| 6 | Cru3ld4de | Signos verbais + Internetês (algspeak) + Signo não verbal | Campanha de denúncia ou mobilização |
| 7 | #textao | Signos verbais + Internetês + Signo não verbal | Autobiografia, desabafo em tom humorístico |
| 8 | ngm, nd | Internetês | Texto típico de bate-papo virtual. |
| 9 | Estalkear | Signos verbais + Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 10 | Exercícios para o glúteo | Signos verbais + Signo não verbal | Informativo com duplo sentido visual e humorístico sobre estética corporal |
| 11 | Errei, fui Camila | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 12 | Magazine Luiza | Signos verbais + Internetês + Signo não verbal | Campanha publicitária |
| 13 | M4tou | Internetês (algspeak) + Signo não verbal | Informativo |
| 14 | Casca de bala | Internetês + Signo não verbal | Expressão popular reaproveitada em contexto virtual. |
| 15 | Dorama | Internetês + Signo não verbal | Informativo |
| 16 | Agora entendo minha mãe... | Signos verbais (letras minúsculas) + Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 17 | Fins de semana são para se divertir | Signos verbais (letras minúsculas) + Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico/irônico |

| | | | |
|----|--|--|---|
| 18 | Quem não é visto, não é perturbado | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico/irônico |
| 19 | Netflix Brasil | Internetês + Signo não verbal | Campanha publicitária interagindo com linguagem do público digital. |
| 20 | Pessoas de exatas x Pessoas de humanas | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 21 | Calabreso | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 22 | É só vc parcelar | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico/irônico |
| 23 | Globo News | Signos verbais + Internetês + Signo não verbal | Texto informativo |
| 24 | Amostradinha, casca de bala | Internetês + Signo não verbal | Texto com tom humorístico |
| 25 | Mercado Livre | Internetês + Signo não verbal | Campanha publicitária |
| 26 | Fibromialgia | Internetês + Signo não verbal | Texto de caráter informativo e de apoio, voltado a uma condição de saúde. |
| 27 | Não desanima | Internetês + Signo não verbal | Expressão de encorajamento comum nas redes. |
| 28 | “Pêssego = glúteo | Signos verbais + Signo não verbal | Uso de emoji para representação visual com sentido ambíguo ou corporal. |
| 29 | Tem gente que mente tanto | Internetês + Signo não verbal | Texto de crítica social com tom humorístico |
| 30 | Gazeta do Povo | Signos verbais + Internetês + Signo não verbal | Texto informativo |